

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA

**A Escola dos Imigrantes Alemães no Brasil no período 1824 – 1938:
Avanços e Retrocessos Educacionais.**

Por:

Ricardo Barboza Söldon

Trabalho apresentado para a obtenção
do Diploma de Graduação em Pedagogia
na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Campus São Gonçalo. Rio de Janeiro

Orientador:
Prof. Dr. Reinério Luiz Moreira Simões

São Gonçalo RJ
- 2008 -

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA

**A Escola dos Imigrantes Alemães no Brasil no período 1824 - 1938:
Avanços e Retrocessos Educacionais**

Por:

Ricardo Barboza Söldon

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jorge Antonio Rangel (Fidel)

São Gonçalo , RJ
- 2008 -

AGRADECIMENTOS:

A professora Márcia Gonçalves pela orientação inicial e aos amigos e professores(as): Fidel, Reinério (orientador), Helena, Jaqueline, Teresa, Mairce, Learmatine, Adir e tanto(as) outro(as) que me incentivaram e acreditaram no meu trabalho.

A Escola dos Imigrantes Alemães no Brasil

	Páginas
Introdução:	01 – 04
1º Capítulo: A Imigração alemã no Brasil.	05 – 14
2º Capítulo: A Escola Étnica.	15 – 34
3º Capítulo:..... O fechamento das Escolas Étnicas	35 - 47
4º Anexos.....	48 – 59
5º Conclusão.....	64 – 66
Notas:	67 – 70
Bibliografia:.....	71 – 75
Fontes:	76 – 77

EPÍGRAFE.

É feliz quem gosta de se lembrar de seus ancestrais. Que fala de seus feitos e de sua grandeza que, no final da bonita fala, vê colocado silenciosamente, o seu próprio nome.

Wolfgang von Gothe

PRÓLOGO.

*Toda obra possui um princípio.
Toda construção uma pedra basilar.
Toda iniciativa tem uma motivação.
E todo o império se constrói sobre isso.*

*Não existe apenas o império material.
Mas, também há o da razão.
O conhecimento é coisa pródiga.
Que se tem pela conquista.*

*A Curiosidade mostra-se valiosa,
Se alimentada pela perseverança.
A garra empurra o empírico,
E a consciência o saber.*

*Para provar a si próprio,
Alguns provam ao mundo.
Provado ao mundo, o existir,
Na mente, a terna plenitude.*

*Pois disso não desfrutam os néscios,
Do conformismo, um abjeto ser.
Que a chama da cultura alimenta-se,
Na glória dos que as buscam.*

Learmatine Pinheiro de Souza

RESUMO:

O presente trabalho destina-se a mostrar as razões políticas e ideológicas do fechamento das escolas étnicas dos imigrantes alemães e de seus descendentes, bem como as conseqüências nefastas desse fechamento definitivo em 1938, durante o regime autoritário do Estado Novo. Nossa investigação concentra-se no período aproximado de 1824 a 1938, através do levantamento do sistema escolar alemão e das causas do temor provocado pelas escolas étnicas nas elites brasileiras, principalmente na Primeira República.

Palavras chave: étnica, tradição, cultura, dialetos, Estado Novo, igrejas, analfabetismo, escolas e tradição.

USSAMMENFASSUNG:

Die vorliegende Arbeit richtet sich nach politischen und ideologischen Gesichtspunkten über die Schließung der etischen Schulen deutscher Emigranten und deren Vorfahren; sowie von den schlimmen Konsequenzen der definitiven Schließung im Jahr 1938 während des autoritären Regimes der Neuen Staaten. Unsere Nachforschungen konsultiere in der Zeit zwischen 1824 bis 1938, über das deutsche Schulsystem und die Gründe des Terrors, hervorgerufen durch etische Schulen in der brasilianischen Oberschicht, hauptsächlich zur Zeit der Ersten Republick.

Stichwörter: ethnisch, Tradition, Kultur, Dialekte, Neuer Staat, Kirchen, Ungelenhrtheit, Schulen und Tradition.

ABSTRACT:

The present work is destined to show the political and ideological reasons for closing the schools of the German immigrants and of their descendants, as well as the disastrous consequences of that definitive closing in 1938, during the authoritarian regime of the New State. Our investigation concentrates on the approximate period from 1824 to 1938, through the rising of the German School system and the causes of the fear provoked by the ethnic schools in the Brazilian elites, mainly in First Republic.

Key words: ethnic, tradition, culture, dialects, New State, churches, illiteracy, schools and tradition.

1 - INTRODUÇÃO

Há cerca de 35 anos, A Deutsche Welle transmitira em ondas curtas, divulgando a cultura alemã.. Hoje ela além do canal via satélite tem programação em Internet. E também o interesse em sobre a origem do meu sobrenome “Söldon”

Esta curiosidade tornou-me um freqüentador habitual de bibliotecas, arquivos públicos e consulados que me permitiram descobrir o que fosse possível a respeito, isto são claro com o apoio fundamental de meus pais que me forneciam os meios para\ essas pesquisas.

E devo agradecer a meus pais terem incentivado a ler e a escrever. Lembro que meu pai ficava corrigindo o que escrevia e verificando os erros em português.

Inicialmente, tudo começou em uma época em que não existia Internet. Estas começam de foram aleatória em que reunia tudo o que podia referente a meu sobrenome. Com isso acabei por descobrir não um Brasil não oficial e sim real. Um Brasil cuja divulgação aos gentios não cumpre mostrar.

Dos acordos da Monarquia aos acordos da República tudo está registrado nesses arquivos. Acredito que o maior crime que foi cometido foi no governo de FHC que cria quatro decretos retingindo o acesso aos arquivos. Também um outro absurdo são as pessoas que lá trabalham e não querem fazer a busca ou não nos deixam fazer. Com sorte você encontra funcionários que gostam do que fazem. A restauração e um outro problema. Já tive em minhas mãos documentos de imigração que se esfacelaram em minhas mãos e já peguei documentos que depois de “restaurados” ficaram ilegíveis.

Enfim tudo é feito para que se apague a nossa memória nacional, é claro que isso e conveniente, afinal um povo sem memória torna-se dócil e facilmente manipulável.

Na época da vinda da Família Real foi criada a Biblioteca nacional que guardou os livros trazidos de Portugal. Já em 1822 com a independência se pensa em

“guardar “ a memória nacional tanto que em 28/10/1838 é criado o arquivo Nacional e em seguida, o Instituto Histórico Nacional em 21/10/1838 que teria por missão reservar para a prosperidade do povo brasileiro os vultos da História do Brasil embora esses vultos fossem heróis portugueses mitificados. Já em 1922 com o Centenário da Independência é criado o Museu Histórico Nacional que também teria a finalidade de preservar a memória do nosso passado.

O grande problema no Brasil é que devido ao tipo de colonização o povo não foi educado a freqüentar ou conservar documentos de seus antepassados. Somente a elite e alguns grupos de imigrantes e que mantiveram seus laços com suas raízes. Infelizmente, para a maioria da população biblioteca, museus são lugares para guardar coisas velhas.

Inicialmente, o tema escolhido foi Imigração alemã que acabei por trocar por escolas étnicas dos alemães e seus descendentes. O que descobriu foi algo que jamais esperava encontrar uma escola com mais de três séculos de tradição ainda na Alemanha. Afinal que imigrante era esse que ao contrário de outros grupos têm suas escolas ampliadas e que são disciplinados que se consideram mais brasileiros que os próprios brasileiros.

Que imigrante era esse que desde o Império causava temor às elites brasileiras e depois aos republicanos. Estes ao contrário de outros criam seus clubes, associações corais. Afinal nas palavras de alguns dessa elite. Esses quistos étnicos e alienígenas que medo, temor causam.

E muito difícil entender que povo era esse sem remontar ao passado da formação desse povo. Porque é que eles davam tanto valor à tradição.

O que os levou a tentar no Brasil a criação de uma nova Pátria. Esse Deutschum causou nos “nacionalistas brasileiros” um temor, pois, temiam que eles criassem um novo estado dentro do Brasil. Pretendo explicar que existia no Brasil um mito de nacionalismo^[1] Esse mito de nacionalismo não existia no Brasil o que existia era um ideário baseado no romantismo europeu. Expressões como: o “bom selvagem”.

Esse perigo aumenta em 1877 quando Otto von Bismarck ^[2] proclama que todos os alemães e seus descendentes deveriam se reunir em torno do Pan-germanismo.

Isso causou um enorme pavor às elites brasileiras. Também precisamos entender que no período, 1870-1871 tinha ocorrido a Guerra Franco-Prussiana e logo em seguida a Prússia que se tornará a Alemanha nos anos seguintes consegue superar a produção de ferro e carvão da França e Inglaterra em 1877 e novamente recriada a idéia do Lebesraun (espaço vital).

No Brasil isso causa um pavor às elites que irão se posicionar contra os imigrantes. Em 1917^[3] em Santa Catarina começa o fechamento de escolas, porém, esse fechamento foi mais uma briga política do que étnica entre grupos rivais.

Porém em 1938 ocorre o golpe fatal no decreto de Nacionalização em que as escolas alemãs italianas são fechadas têm seus materiais didáticos confiscados ou destruídos e muitas transformadas em escolas públicas que nunca mais abriram. Enfim, tudo aquilo que não fosse à língua nacional era fechado ou confiscado pelos agentes do Estado Novo. Também no período em que Getúlio toma favor ao lado dos aliados são criados campos de concentração em várias regiões do Brasil ^[4]

Isso levou a um isolamento cultural e lingüístico e acabaram por criar dialetos regionais nas regiões de colonização alemã. Novamente a pergunta a ser feita qual seriam os motivos para que os imigrantes tenham construído essas escolas no Brasil. Porque é que essas escolas cresceram e as outras diminuiriam. Esquisei escolas referentes. Na realidade essas escolas aparecem em função de: ao chegarem não às encontram em língua nacional, não havia de parte do governo interesse em investir em escolas e essa situação irá se repetir no Brasil durante muito tempo. Por isso o governo os incentivava a criá-las ^[5]. Se retornarmos, ao passado da colonização iremos ver que na realidade as tentativas de colonização são anteriores a 1824 considerados o marco da imigração oficial no Brasil. Ela começa em, torno do ano de 1818 na Bahia com o naturalista Freyess cujos resultados são um fracasso, devido à falta de apoio a colônia acaba. A outra tentativa foi em Nova Friburgo com colonos suíços (1820). A terceira é feita em 1824 na antiga fazenda de produção de linho-canhâmo na margem esquerda do Rio dos Sinos no Rio Grande do Sul^[6]. Esses imigrantes depois, de uma travessia perigosa em que muitos não chegam devido a tempestades,

desvio de rotas, permanência no mar em torno de 3 ou 4 meses , motins, falta de água, alimentos. Chegam a Porto Alegre donde são despachados para a região ao chegarem nada encontram estas em locais distantes cerca de 30 ou 40 km do centro mais próximo. O que vão encontrar são doenças, enchentes, animais selvagens índios que expulsar ou matar. Inicialmente, essas escolas eram comunitárias apoiadas pelas igrejas. O pagamento dos professores muitas vezes era feito em gêneros de valor equivalente.

Eram escolas comunitárias que existiam em cada canto. Um outro detalhe é que no período 1890, 80% da população brasileira não tinham instrução. Porém nas regiões de colonização esse índice era bem mais baixo.

Também na época existiam alguns políticos que criticavam e outros que apoiavam a colonização alemã. Também havia um outro grupo que defendia uma troca dos valores culturais franceses pelos valores germânicos. Dentre esses podemos citar Tobias Barreto, Sílvio Romero, Augusto dos anjos e vem mais tarde juntar-se a escola de Recife, Sergio Buarque e muitos outros. O elo de contato era feito com um ex-Brummer^[7] através de Sílvio Romero. Porém, os contatos eram escassos.

A época da colonização é criada muitas organizações, seja do lado Luterano como Católico. Livros são impressos. No princípio esses livros eram de fora, porém se viu que os mesmos não correspondiam à realidade local e por isso começam a ser impressos no Brasil. Inicialmente, seguindo o padrão tipográfico alemão (gótico) e depois com textos em letras latinas. A mais famosa dessas editoras foi a Verlag Rotermund & Co, cujo fundador era um pastor luterano chamado Wilhem Rotermund.

Seus livros eram tão bons que eram usados tanto por católicos como pelos luteranos.

CAPÍTULO I

A Imigração Alemã no Brasil.

1.1) Formação do povo alemão.

Este foi um dos últimos povos da Europa a se unificar somente em 1871. A língua alemã é o sentimento da nação alemã existe há mais de 1000 anos.

Antes de 1871, a Alemanha não era como nós conhecemos atualmente. Esta era uma infinidade de feudos, ducados, principados, condados e reinos. A Alemanha possuía uma extensão territorial que incluía, os países baixos, a Áustria, leste da França e Suíça, o oeste da Polônia, a República Tcheca, a Eslovênia, parte da Itália Central e Setentrional. A partir do século XV passa a ser conhecida com o nome de Sacro ou Santo império Romano da Nação Germânica (*Heiliges Römisches Reich Deutsches Nation*). A partir daí seria empregado o termo “alemães” para designar os habitantes do Império.

O período compreendido de 843 até 1806 é chamado de Primeiro Reich Alemão. Surge nesse momento uma Ordem militar além dos cruzados chamada de Cavaleiros Teutônicos (*Deutsches Orden*; latim: *Ordo Domus Sanctore Marie Theutonico Ruin*). Esta foi uma ordem criada pelo Papa Clemente III para combater nas cruzadas e vinculada a Igreja Católica. Estes cavaleiros vestiam sobre vestes brancas com uma cruz negra na altura do peito.

Estes invadem territórios a leste e Oeste da Europa, criam um estado independente, esmagam as populações que não concordassem com suas idéias. Esta era um ordem bastante agressiva que causava temor aos seus vizinhos como o Reino da Polônia e Grão Ducado da Lituânia. São derrotados em 1410 na Batalha de *Tanneberg* ou (*Grünwald*)^[8]. Estes cavaleiros deram origem ao Reino da Prússia. Albert von Branderburg que era o Grão mestre da Ordem se converte ao Luteranismo e assume os títulos e os direitos do Duque Hereditário da Prússia. A ordem se transforma em Hospitaleira e existe até hoje fazendo parte da Igreja católica. Seus símbolos como a cruz gamada é usada até hoje pelas forças armadas alemãs.

1.1.1) Origens Arqueológicas.

A origem desse povo e povos ^[9] que teriam existido ao Norte da atual Alemanha e sul da Escandinávia (Noruega, Suécia, Dinamarca) durante o período da Idade do Bronze Nórdica (1000 a.C - 500 a.C.). Pesquisas indicam que eles falavam o proto-germânico ^[10] um ramo distinto das línguas indo-européias. Sabe-se que há maior parte das populações alemã descende dos diversos grupos germânicos da região centro-europeia no primeiro milênio antes da era cristã, partilhando à mesma cultura e religião, expressa em dialetos diversos e culturas semelhantes.

Já no século 113 a.C. começam os primeiros contatos com os romanos. Já no século VI quase todos os povos germânicos estavam organizados em várias regiões da Europa. Não existia ainda uma organização de caráter social ou de Estado. Eram. Uma sociedade tribal, a família tinha característica monogâmica. O poder absoluto, pertencia ao pai.

Somente a partir do século I e que se começa, a distinguir certa organização na sua estrutura e surgem quatro classes sociais. Possuíam uma economia baseada na agricultura e pecuária. A terra, os bosques, os pastos e a água eram de uso comunal. A casa por sua vez representava o templo dos desuses domésticos e a veneração dos seus antepassados. Tinham uma pequena produção metalúrgica com excelentes armas e ouro versaria. Eram politeístas, acreditavam em forças sobrenaturais. Não possuíam normas jurídicas escritas, estas eram passadas de geração em geração. Sua escrita eram as Runas^[11].

1.1.2) Dialetos falados.

Alguns desses seriam o *Plattdeutsch* ou *Plattdiütsch* nas planícies setentrionais regiões ao norte baixas da Europa e partes vizinhas.

Düütsch ao antigo holandês. *Deutsch* uma forma de classificar o *Hochdeutsch* (Alto alemão), *Plattdeutsch* a partir do antigo saxão dando origem ao inglês antigo e do baixo alemão. *Pomersch* ou *Pomerschlatt*. Ainda o *Hunrsüsk* regiões da

Westfalen e Renânia. Ainda teríamos o baixo-francônio, o Frísio, o Holandês antiga faixa estreita entre a Alemanha e os países baixos (Holanda e Bélgica). O (baixo saxão, terras ao norte, às margens do Rio Elba, cidades de *Münster, Kamel, Hannover, Hamburg e Maderburg*.

O *Pomeranisch* foi falado em várias regiões do Brasil nas regiões meridionais e no Espírito Santo. O Pomerano é uma variedade *do Plattdeutsch*, onde existe o bilingüismo pomerano português e em Pomerode (SC. – Brasil). Um outro local onde se falou o Platt foi em Dona Ótilia (Roque Gonsales região das missões no R.G.S.)

Também o *Hunsrückisch* ou *Riograndeser Hunsrückisch* mais falado no Brasil., o Tirolês falado em Treze Tílias (S.C. Brasil este de colonização austríaca). O *Platt* teria sido falado por partidários da Igreja de confissão luterana. Disponível em <http://www.de.wikipedia.org/wiki/Plattdeutsch> em 20/03/2007 às 22:00.

1.1.3) Períodos do povo alemão.

(400 d.C – 800 d.C). Início do estabelecimento da ordem feudal é a decadência do Império Romano.

(800 d.C – 1000 d.C). A Constituição, expansão e a decadência do Sacro Império, instabilidade política pela morte de Carlos Magno. Invasão dos *Wikings*. Criação do Império Germânico o qual se consolida e o crescimento da Igreja católica com o cristianismo e efetiva Independência do Sacro Império. Período de surgimento do Primeiro Reich Alemão e tentativas de Otto I para unificar os estados alemães. A tentativa de um poder central do império Germânico. Fortalecimento e expansão do comercio europeu e marítimo. Primeiras cruzadas, criação das ordens militares vinculadas a igreja católica. Colonização das terras eslavas pelos saxões e a incorporação do Reino de Borgonha pelo império.

(1200 d.C – 1350 d.C). Consolidação do poder feudal no Império, conflitos entre Igreja e Império, Reconhecimento do Imperador, aos territórios dos nobres e da Igreja. Fundação de Berlin (Capital da Prússia). Criação da Liga dos Cantões (Suíça), perda dos territórios italianos, crescem as cidades alemãs para leste, criação da liga Hanseática.

(1350 d.C – 1450 d.C). Fase tardia da Idade Média. Divergências entre Estado e Igreja, independência econômica e política das cidades comerciais, criação das corporações de ofícios, a formulação da Dieta (Colégio eleitoral). Esta Dieta era compostas por três Arcebispos: *Köln, Moguncia e Trier* e por quatro príncipes eleitores: *Boemia, Branderburg, Saxônia e Palatinado-renano*. A Igreja se enfraquece devido a Reforma de Lutero, crescem as vendas de indulgências, criação da imprensa, crescimento econômico das cidades da Liga deslocadas pelo comércio Ibérico. Publicação das 95 teses de Lutero. Em 1466, os Cavaleiros da Ordem Teutônica são derrotados na Batalha de *Tanneberg*.

(1550 d.C – 1700 d.C). Em 1555 é firmada a Paz de *Ausburg* (ou Paradigma da Confessionalização). Este acordo dá uma relativa estabilidade política e econômica em que ficam confirmados três credos confessionais: o católico romano, o luteranismo, e o calvismo este embora ilegal acabou por ser aceito pois foi adotado por alguns príncipes. São criadas as ligas católicas e protestantes estas antagônicas e armadas.

Surgem novas concepções de educação. Decadência das corporações de ofícios. Ascensão militar, econômica da Prússia. Guerra dos Sete anos entre Áustria e Prússia.

(1785 d.C- 1812 d.C.). Influência da Revolução Francesa nos Estados do Império Germânico e a relativa indiferença da burguesia alemã, a ocupação napoleônica. O poder dos feudos fica enfraquecido e há o confisco das terras da Igreja católica e destrói o Império Germânico. Em 1806, o início de formação do nacionalismo alemão com relação à ocupação militar, criação das escolas públicas na Prússia e leis sobre educação obrigatória.

(1813 d.C – 1848 d.C.) . Derrota total de Napoleão, as Revoluções Liberais de 1848 na Europa e em grande parte dos Estados alemães ocorrem revoltas populares a criação de um Parlamento Nacional eleito. Criação da Santa aliança e a Confederação alemã sob o comando da Áustria. Formação dos primeiros batalhões de mercenários no Brasil.

Reforma no sistema educacional prussiano (prussiano-pestalozziano).

(1848 d.C – 1890 d.C). Unificação alemã, soldados do Condado de *Schleswig-Holstein* após a primeira guerra contra a Dinamarca são contratados para combater contra Oribes e Rosas. Em 1877 o chanceler Otto von Bismarck lança o Pan-germanismo, com os ideais do *Lebensraum*(teoria do Espaço Vital) e dizendo que todos os alemães e seus descendentes seriam alemães. O crescimento do poder da burguesia alemã. Crescimento industrial alemão causando apreensão aos demais países europeus.

(1890 d.C – 1919 d.C). Início e final da segunda Guerra Mundial. A produção de carvão e ferro supera a França e Inglaterra. A Alemanha perde a primeira Guerra e sua derrota afeta os imigrantes alemães no Brasil. Porém, o Fechamento de escolas étnicas em 1917 em Santa Catarina deve-se mais a questões políticas locais do que a questão étnica.

(1919 d.C – 1945 d.C) Tratado de Versailles, Republica de Weimar, Ascensão de Hitler ao poder. Campanha de nacionalização forçada das escolas étnicas. Proibição de qualquer outro idioma que não fosse o português. Criação de campos de concentração em várias regiões do Brasil para prender os alemães perigosos. Alinhamento em 1942 com os aliados.

(1945 d.C. em diante). Final da Segunda Guerra. Conflitos ideológicos entre Rússia e EUA. Divisão da Alemanha em dois blocos antagônicos. República federal da Alemanha (BDR) e República Democrática Alemã (DDR). Derrubada do muro de Berlim, A Alemanha se unifica e passa a ser chamada de República Federal da Alemanha. Criação da Comunidade Européia.

1.2) Causas da Imigração alemã

A emigração ou o êxodo de europeus para outros lugares se deve ao crescimento demográfico, invernos rigorosos, pragas nas plantações, contínua exploração das terras, levando ao empobrecimento das mesmas, o trabalho baseado em relações feudais principalmente no sul da Alemanha. Sucessivas divisões hereditárias *Erbrecht* (*Morgadio*) em que a terra foi dividida em minifúndios às vezes em mais de quatro filhos.

A Revolução industrial iniciada no século XVIII que acaba por provocar, profundas mudanças na estrutura sócio-econômica européia. pois, trouxe resultados negativos aos artesãos. As máquinas faziam o mesmo trabalho em menos tempo e com menor custo. O êxodo rural para as cidades em busca de trabalho aumentando o número de desempregados. A indústria precisava de operários que soubessem utilizar suas máquinas, as guerras napoleônicas que levaram a destruição a regiões do território alemão, com a destruição de aldeias, plantações em áreas do Rio Reno e região Sul da França. Também era costume colocar os filhos para seguir carreira militar. E com o fim dos conflitos ficaram desempregados. Havia também a sanção da Igreja. O sacerdote ou pastor que lidava com os pobres ou oprimidos era obrigado a cobrar antecipadamente pelos serviços, e com isso se o casal não tivesse dinheiro, ocorria que o concubinato era combatido pela sociedade e com isso o homem não conseguia trabalho.

Em algumas regiões também não era permitido que emigrasse o que levavam muitos a fugirem para outros estados e fossem expulsos. Nos estados próximos aos rios *Mosela, Reno, Saar, Nahu*, as regiões da *Renânia, Hunrück*, proximidades com a França, onde se fizeram sentir os efeitos da Guerra foram permitidos que emigrassem. Cerca de 50% dos imigrantes são dessas regiões.

Dessa forma como ainda não existia Alemanha os documentos (*passagier*) registravam as pessoas como sendo da Prússia, *Schleswig-Holstein, Renânia, Hesse* ou *Pomerânia*.

1.3) O Brasil na época da Imigração.

No século XIX o Brasil ainda tinha escravidão. Era uma economia agrícola e monocultura exportadora. Existiam alguns centros notórios como: Salvador (primeira antiga capital), Rio de Janeiro (Capital), Recife, São Paulo e as províncias como Porto Alegre, e algumas cidades do Rio Grande do Sul.

Existiam mais escravos que homens brancos e livres. Isto causava apreensão às elites lusitanas. Anteriormente já tinham sido feitas tentativas de introduzir colonos no

Brasil isso foi feito inicialmente com açorianos. Porém sem sucesso. Eles não se adaptaram a agricultura se tornando comerciantes ou mascates. Com a vinda da Família Real se pensa agora em trazer o imigrante branco. Havia de parte do governo uma preocupação geopolítica com as fronteiras ao Sul que eram constantemente invadidas pelos Castelões.

Em função disso, o governo queria soldados que virassem colonos e defendessem estes locais. Porém existiam problemas: espanhóis nem pensar eram inimigos nas fronteiras, ingleses também não estes tinham tentado se estabelecer no país. Holandeses jamais tinham ficado 24 anos no Nordeste. Alemães sim. Já em 1818 (1819?) tinham tentado uma colonização no Nordeste estes trazidos pelo naturalista Freyress que acabou porque não tiveram apoio governamental. Já a segunda tentativa foi em Nova Friburgo em 1820.

Oficialmente, porém, a colonização começa na região da margem esquerda do Rio dos Sinos antiga Feitoria de Linho Cânhamo. Estes foram trazidos pelo Major Anton Georg von Schaeffer que era amigo da Imperatriz pois, ambos gostavam de ciências naturais. Ele se torna o chefe da guarda de D. Pedro I. Também existiam outros motivos pela escolha de alemães, afinal eles já estavam na história de Portugal desde o século XV e também se consideramos que ele tinha se casado com a filha de Francisco I, o último imperador do Sacro Império da Nação Alemã. Esta era archi-princesa Leopoldina von Habsburg que sabia que sua ancestral Marie Thereze von Habsburg tinha colonizado terras ao longo do Rio Danúbio para impedir o avanço dos turcos ao centro da Europa. E claro ela sendo alemã. E porque D. Pedro I tinha admiração pela Prússia que possuía o melhor exército e as melhores escolas e possuía tendências nitidamente militaristas e os considera ideais para ocupar as vagas deixadas pelos soldados portugueses que retornam a Portugal devido a Independência.

Estes batalhões formam uma divisão do exercito criada em janeiro de 1822, inicialmente com os colonos suíços de Nova Friburgo e de estrangeiros de passagem e morando no Rio de Janeiro, e depois reforçadas pelos mercenários alemães [12] trazidos pelo major Schaeffer.

Em 1827, o major irlandês William Cotter vai a Irlanda recrutar mercenários irlandeses^[13]. Um outro problema apareceu com o final das Guerras Napoleônicas

estavam sobrando soldados desempregados, mas, os países europeus ganhadores (Prússia, Inglaterra, Rússia e França) estavam proibindo que esses soldados deixassem a Europa. Havia o receio de se repetissem os acontecimentos com o surgimento de um outro “Napoleão” em outro local. Apesar disso, aqueles que quisessem emigrar deveriam declarar que abriram mão da nacionalidade e de que o país que os acolhesse lhe dariam outra nacionalidade. Para isso, foi incumbido o major Schaeffer que foi enviado como “agente de Afazas Políticos do Brasil” este ao chegar encontra enormes dificuldades para convencer os emigrantes. Dessa forma traz colonos misturados com soldados. (Muller,2001)

Aos colonos foram prometidos terras (*150 Morgen* = 77 hectares), sementes, ferramentas, auxílio financeiro (dois anos), isenção de impostos (10 anos), nacionalidade brasileiras, gado.

Estes depois de uma viagem que demorava cerca de 3 ou 4 meses, em que faltavam água, comida, que aconteciam motins, tempestades, desvio de rotas. Chegando ficam aguardando os locais para onde serão encaminhados. Ao chegarem verificam que as promessas não são cumpridas o que encontram são índios (chamados de bugres pelos lusos) que têm que combater ou expulsar. Matas virgens que terão que derrubar animais que terão que matar. Doenças desconhecidas, enchentes constantes. Auxílio financeiro e gado nada ou quase nada, isto quando chegavam. Terras não demarcadas, distâncias da sede 30 ou 40 km.

Havia no governo a idéia de estimular o trabalho livre em substituição ao trabalho escravo. A pequena propriedade e principalmente o ideal que ia aos conceitos iluministas do final do século XVIII que diziam que o elemento branco era superior ao negro. Estes defendiam as liberdades individuais e acreditavam no progresso fundamentado na razão. O problema é que o Brasil era escravocrata. Tinha grandes latifúndios. Isso entra em choque direto com os grande proprietários que defendiam a manutenção do status quo.

Desses José Bonifácio (1776 – 1838) e Hipólito da Costa (1774 – 1823) que publica entre 1808 e 1822 no correio Brasiliense um modelo de colonização baseado na pequena propriedade e no trabalho familiar. Com esse espírito é que foram fundados os

núcleos de colonização de São Leopoldo no Rio Grande do Sul com o mais bem sucedido projeto de colonização.

O decreto oficial de imigração é feito em 16 de março de 1820, declarando de forma explícita o interesse do governo em incentivar a entrada de imigrantes alemães e aqueles de outros países que considerem oportunos se estabeleçam no território brasileiro. Os ideais do imigrante ideal foram estabelecidos e construídos a partir de 1819. Com isso, serão reafirmados os conceitos racialistas de desqualificação dos nativos da África e Ásia. No início da República estes conceitos estavam na Constituição que foram revogados mais tarde. “A construção simbólica da nacionalidade nacional ajudou a manter os preceitos de exclusão que marcaram a política migratória para o Brasil” (SOYFRITZ, SEYFRETZ, Imigração e cultura brasileira, Brasília , edit. UNB , 1998).

Todavia o Decreto não explicava o posicionamento em favor dos alemães. Com isso poderíamos estar diante de uma política voltada para o branqueamento da raça, o que se tornou evidente em discursos e ocasiões políticas. Dessa forma, o imigrante branco seria o tipo racial mais adequado para trazer alento à “civilização brasileira”. Também o Decreto de d. João que estabeleceu o direito de cidadania e liberdade de culto acabaram não sendo garantidos uma vez que a Constituição Imperial de 1824 não garantia automaticamente, a nacionalização e também porque durante o império a religião oficial do Império era o Catolicismo o que trouxe enormes problemas para os imigrantes não católicos, Somente, em 23 de setembro de 1832, já no Período Regencial e que pessoas com mais de 4 anos se naturalizassem.

Também as colônias enfrentam enormes dificuldades e antagonismos. De um lado o discurso sobre a pequena propriedade o trabalho livre e do lado posto a grande propriedade e o trabalho escravo. O tráfico negreiro continua sendo um grande negócio sendo este proibido em 1830, porém na verdade ele aumenta até 1850, quando é criada uma lei que proíbe definitivamente este tráfico. E com isso é posto fim a uma das maiores imigrações forçadas da história. No entanto internamente, a escravidão continua forte e só acabara com a abolição. Nesse momento, o trabalho livre passa a ser considerado. Segundo a visão das elites do Império, a liberdade era compreendida pelos

cativos como oposição ao trabalho, confundindo-se com vadiagem enquanto o imigrante europeu habituado ao trabalho livre teria valores positivos em relação ao trabalho.

Dessa forma dois modelos foram construídos. De um lado os negros dotados de todos os vícios do passado escravocrata. A Abolição não implicaria em aperfeiçoamento imediato, pois, deixava-os livres para ameaçar a “boa sociedade”. De outro lado estavam os imigrantes que simbolizavam a prosperidade econômica e social, pois, possuíam os atributos necessários ao trabalho livre e desejavam obter riquezas através deles.

Em novembro de 1883 é criada a Sociedade Central de Imigração com a presença de d. Pedro I (1825 – 1884) no Rio de Janeiro, esta criada baseada nas teses do médico e biólogo francês Louis Couty (1854 – 1884) que faz um importante referencia com sua tese de aprimorar o povo brasileiro. Marquês de Tauny em 1884 fez uma representação em nome do SCI impondo medidas de incentivo a entrada de imigrantes (Nossa História, ano 2 , nº24, out. 2005 , p 21-22)

Também mas tarde, foram adotadas nas fazendas do Senador Vergueiro o sistema de parceiras, porém, a mentalidade escravocrata dos fazendeiros leva a que estes imigrantes se revoltam e os governos alemão e italiano proibam sua vinda.

Pretendia-se formar no Brasil um país livre e de cidadãos brancos. Os nacionais negros e brancos pobres que não tinham a cultura da elite eram desqualificados como trabalhadores e cidadãos. Embora até em algumas ocasiões o imigrante, chegasse a ser tratado de forma similar ao nacional pobre.

CAPÍTULO II

A escola Étnica

2.1) O sistema escolar alemão.

Devido à prosperidade econômica e política dos Francos, resultando em sua ampliação do ensino com Carlos Magno. Ele atrai grandes mestres que manda vir da Itália, mas, sobretudo da Inglaterra. O grande marco da transformação do ensino resultou das capitulares de 787 pelo qual foram instituídas escolas em todo o país. No auge da Idade Média no século XIII as escolas ganharão à forma de Universidades, destacando-se as de Paris, Oxford e Bolonha.

As instituições de ensino na Idade Média eram controladas pela autoridade eclesiástica, por uma figura denominada Chanceler. Na época, a Igreja proíbe os textos antropológicos, lingüísticos e experimentais. Tudo era direcionado para o exame da Bíblia. Essa era a escola da Idade Média, porém no século XV e XVI com a Reforma de Lutero, o efeito foi devastador no sentido de que houve um desmantelamento do sistema educacional pré-existente. Isso gerou uma crise no ano de 1520. Somente a partir dos conselhos das cidades e dos príncipes se procurou organizar o sistema.

Não havia na época a pretensão de criar um sistema escolar universal. Não havia recursos financeiros para tal. O objetivo na realidade era de tanto dos reformadores como da Igreja um sistema que mantivesse e criasse padres e pastores, e funcionários públicos.

Em função disso, na primeira metade do século XVI e antes era proibido o ensino do alemão tanto nas escolas católicas como protestantes. O elo de ligação, era o latim que era usado em livros, documentos, correspondência consular nas ciências. O que acontecia e que este não tinha adesão popular e não fazia sentido em sabê-lo. Boa parte da população preferia as escolas em língua alemã não fazia sentido em ensinar os filhos em latim.

Em 1530, Lutero tinha escrito uma prédica “para que seus pais enviem os seus filhos as escolas “ou dizendo, uma prédica para que seus pais enviem seus filhos as escolas latinas.

A falta de apoio popular a esse ensino, bem como as dificuldades financeiras e políticas faziam, que na primeira metade do século XVI, os esforços feitos pelos reformadores e pelo Estado territorial não dessem bom êxito. Porém na segunda metade do século XVI ocorre a Paz de Ausburg (1555). Essa paz ficou conhecida como o Paradigma da Confessionalização (*Konfessionalisierungsparadigma*). Essa paz levou a uma relativa estabilidade política e religiosa que mais tarde eclode na Guerra dos 30 anos ^[15].

Com essa paz ficou estabelecido que existissem três credos confessionais: o católico-romano, o luterano, e o calvinista (este apesar de ser considerado ilegal foi adotado por alguns príncipes territoriais). Agora cada príncipe poderia escolher a sua “fé”. Isso levou a que estes patrocinassem a catequese, a fim de conseguir a confiança dos seus súditos e com isso um fator decisivo no fomento, as escolas principalmente em alemão.

Essas escolas eram vistas como instituições. Dessa forma, a alfabetização não seria o objetivo principal e sim, o aprendizado da Bíblia, com a meta de produzir o disciplinamento social (*Sozialdisziplinierung*), ou seja, uma instrução moral que levasse a um determinado padrão de comportamento. Para este paradigma Estado e Igreja deveriam produzir sua homogeneidade entre os súditos e as escolas eram vistas como estratégicas para isso. A religião em parte, foi a que determinaram em muitas situações as políticas no século XVI. Porém, na maioria das vezes os conflitos não tinham nada a ver com ela.

Existem muitos historiadores que questionam o Paradigma da Confessionalização, na medida em que a Reforma bem como as escolas tivessem adesão popular. Alguns historiadores do mundo anglo-saxão, como o americano Gerald Strauss e o australiano Robert Serinoi.

Strauss(1978) em sua obra “*Luther House of Learning*” considerava que se alguém lia a Bíblia era por motivos práticos, assim como tirar os filhos da escola assim que soubessem os conceitos básicos anulando o que era o objetivo principal a catequese. Um outro ponto é que os livros eram caros e de difícil acesso era pouco provável que cada família tivesse uma Bíblia, a dificuldade em ler o alemão (*Hochdeutsch*) proposto

por Lutero. Cada região da Alemanha tinha seu próprio dialeto. Porém o maior êxito de Lutero foi que ajudou a consolidar o alemão como língua comum. Porém, no século XVI isso não foi possível.

Também de parte do povo não existia uma piedade luterana, a leitura ficou restrita aos pastores principalmente depois das Revoltas dos Camponeses de 1525 cuja luta o próprio Lutero mandou combater. Dessa forma, a leitura da mesma fica restrita aos pastores e evitar abusos. Dessa forma a idéia de que Lutero queria que todos lessem a Bíblia não é mais autêntica.

Também a tradição, relaciona a educação luterana a uma prática do fomento a liberdade e autonomia do indivíduo. Também é questionada se a educação da época se os humanistas vislumbrassem realmente a educação como desenvolvimento e autonomia. Para Strauss a educação voltada para a realização social deveria ser entendida no conceito de medieval de *ZUCHT*. Esta como uma educação voltada para a realização social no seu sentido, de acordo com normas rígidas seguidas de disciplina. Para isso, se utilizavam de castigos corporais, hierarquização, humilhações.

Para alguns historiadores a educação de Lutero tinha mais a ver com o *ZUCHT* do que com valores modernos de educação. Não podemos negar, porém, que o século XVI produziu um aumento significativo no nível de formação de pastores luteranos sendo que muitos possuíam formação superior. Desse modo os esforços para produzir bons súditos não deram os resultados esperados. A insensibilidade eclesiástica teria contribuído pelo insucesso desses objetivos

O século XVI e XVII começam a aparecer novas idéias sobre como educar e ensinar. Um deles foi Wolfgang Ratke (1571 – 1635) com seus fundamentos filosóficos que orientaram os conteúdos e os formatos dos livros didáticos. Estes, portanto, anteriores a Comenius.

De Comenius a “Didática Magna” que seriam:

- 1) a educação realista e permanente.
- 2) método pedagógico rápido e sem fadiga.
- 3) ensinamento a partir de experiências quotidianas.

- 4) conhecimento de todas as ciências e de todas as artes.
- 5) ensino unificado.

Os princípios de Ratke referem-se à harmonia e ciência e estão contidos em todos os seus livros escolares. Ele também cita o comportamento dos alunos e como devemos tratá-los que deve ter seu tempo respeitado. (HOLF,RBE,2004, p.25)

O trabalho pedagógico de Ratke começa com o Memorial de Frankfurt em 1618, um pequeno texto que causou polêmica, a ponto do autor se obrigado a complementá-lo com esclarecimentos. O texto contém três idéias principais:

- a) uma reforma do ensino das línguas
- b) uma reforma das instituições religiosas
- c) uma reforma da vida política e religiosa da Alemanha.

Com isso, é colocado que o meio para isso seria a língua materna elegida como a língua das ciências e das artes, em lugar do latim, sugerindo que os idiomas estrangeiros somente deveriam ser ensinados após o aluno falar e ler a sua própria universalização do ensino através do ensino através de uma escola alemã, uma escola deverá instruir todos os jovens independentes de sexo, nas ciências e artes. O último ponto refere-se à relação entre a educação e sociedade. Memorial de Frankfurt se insere no contexto de lutas da época, prometendo um programa educacional e religioso.

Ratke já tinha tido contato com os aforismos de Francis Bacon contidos no *Novum Organum*. Estas objetivam ao aluno, observar a realidade, se tornar um intérprete da natureza, a aprendizagem deveria seguir essa ordem. Na Holanda aonde chega a lecionar

Como mestre-escola aprende o significado de criar uma maneira de ensinar. Esta deveria ser fácil, rápida e útil. Quando começa a realizar suas experiências sofre críticas a respeito , porém, dois sábios o defendem em relatório. (RATKE, RBE, nov. nº25, 2004)

Todas as ciências como a arte de ensinar a história, as ciências naturais, medicina, astrologia, figuras, construção, arte de fortificação e etc, serão mais ensinadas com facilidade, mais corretamente e melhor difundidas em língua alemã do que no grego, latim ou árabe [...] a nação alemã ficará melhorada através da língua nacional. [...] A nova arte de ensinar só poderá entrar na vida concreta quando os livros de ensino, correspondentes a cada língua, arte ou ciência, forem elaborados e divulgados na língua materna (JUNG & HELVIC, 1612, p.2)

Seu sistema foi feito, observando o exemplo holandês que era feito com a utilização do holandês em todos os níveis. Da valorização da língua materna nasce uma visão do mundo idealizada, humanista e nacionalista. Ratke nasceu, na província do *Holestein*, seus pais eram burgueses “bons” e passa sua infância na cidade livre Hanseática de Hamburgo. Na Holanda aprende que as condições de vida de uma burguesia auto-consciente e saciada. Ao retornar para a Alemanha percebe o contrário.

Ele entendia que as liberdades civis seriam garantia para se venceram as dificuldades, limitações e fronteiras. Ele viu na Holanda que parte das rendas das igrejas eram usadas para as escolas comuns e para as massas populares e de escolas clássicas para meninos que quisessem ingressar na vida profissional. (HOHENDORF, 1957, p.14)

Era a época do *Ratio Studiorum* ^[14] que fazia muito sucesso em colégios católicos, o que fortalecia a contra-reforma. Este movimento da contra-reforma reconquista alguns dos antigos territórios anteriormente protestantes e com a guerra dos 30 anos quando o luteranismo se defendia com armas, a linha da Contra-reforma empenhava-se na renovação religiosa. (RIOUX, 1963, p.18)

Para ele, a formação cristã tornou-se então o principal objetivo da educação, a fim de que nenhum cristão recaísse no antigo, isto é na igreja do PAPA. A formação do individuo estaria fundamentada na Bíblia.

Quando todas as crianças falarem a língua corretamente e lerem todos os textos bíblicos na fonte, o velho ensino apostólico romano poderá livrar-se do que é falso, e tornar-se público e único em todo o Império (RATKE, 1630 p.2)

Ramus (1536) elabora uma tese “tudo o que disse Aristóteles é falso”, este exige que a educação se volte contra o *ZUCHT*. Para isso seria necessário o uso da língua alemã.

Para alguns filósofos como Rabelais, Vivos, Erasmo e Ratke se deveriam instituir um ensino simples no qual não se daria nenhuma regra ao aluno sem antes de ter estudado e entendido e estudado a sua teoria. Para ele a sabedoria é fundamentada na experiência. Esta constituía na classificação de todos os fenômenos naturais e culturais que deveria dominar (*Allinterweisung* – ensino de tudo ou o ensino de todas as ciências

ou ainda *Enciclopedia*). Ratke era discípulo das idéias de Bacon e Ramus, e seguindo suas teorias começa a elaborar livros didáticos.

“ Nenhuma criança sem escola” e “aprender é fácil” foram dois livros seus. Isso forneceu a Komayer elementos para elaborar o regulamento de Weimar em 1616.

E dever do pastor anunciar em público o início das aulas e citar o nome de todas as crianças em idade escolar.

[...] todas as crianças e todos os jovens devem com seriedade serem mantidos na escola. Os pastores e professores devem esforça-se para que nas aldeias e nas cidades todos aprendam a ler escrever e contar.

E obrigação do estado e dever de toda a comunidade. (KROMAYER, 1972, ART.1º)

No período de 1619 a 1622 foram publicados vários livros que receberam o nome de enciclopédia. Estas foram publicadas com o auxílio do Príncipe de *Köthen*. O seu *Allinteweisung*. O Príncipe deu todas as condições para que se editassem tais livros escolares constantes da herança de *Gotha* e do curso elementar, em forma de tabela, para isso obteve a colaboração de amigos e professores da época.

No século XVI e XVII foram produzidos muitos livros didáticos. A originalidade de Ratke foi a confecção de textos em língua alemã. Havia nesses textos um duplo aspecto: textos rigorosamente exatos, de acordo com o curso da natureza, de tal forma que pudesse ser usado comodamente em sala de aula. O professor deverá ter uma formação geral das ciências e um domínio sobre a disciplina de seu ensino. Ele enfatiza que um manual volumoso poderá desmotivar a iniciativa e compreensão do mestre-escola. Em contrapartida o professor deverá planejar bem suas aulas, e seguir rigorosamente, o tempo previsto. Além disso, não deverá de forma nenhuma ir além ou aquém do conteúdo pré-estabelecido.

Para ele, o conhecimento provém em primeiro lugar da revelação: tudo o que está na natureza e fora dele provém da revelação e o alcance desse conhecimento se dá por meio da “graça de Deus”. As coisas do mundo, porém são entendidas por meio da “luz da natureza”.

Assegurar a salvação particular de cada um [...]. A arte de ensinar permite a cada pessoa chegar rapidamente a um saber suficiente o fundamento e a origem de sua crença, para ser facilmente enganada pelo erro. Através do método, cada pessoa pode ser mais facilmente levada ao Império de Deus e liberta da goela do seu mau inimigo. (RATKE, 1617, p.2)

Para ele a adequação da didática ao curso da natureza, havia uma crítica de Jung e Helvic sobre o método tradicional, porque este se opunha a natureza e ao espírito da criança. O método tradicional não seguia o curso da natureza.

- a) As crianças passavam horas do dia sobrecarregadas e coagidas
- b) Os livros de classe não possuíam homogeneidade e eram escritos em latim.
- c) As crianças deviam realizar explicações sobre didática e retórica, que ainda não estudaram.
- d) As crianças aprendiam de cor sem compreender.
- e) As crianças traduziam do, latim para o alemão. (JUNG & HELVIC, 1612, p.26)

Perceber com precisão as disposições materiais das crianças, aprender a aprová-las e Diferencia-los [...] . Não se pode fazer desenvolver numa pessoa a disposição natural da mesma maneira que uma outra. O preceptor deve estudar a maneira de cada aluno a se comportar. (RATKE< 1877, p.591)

A tarefa dos mestres é difícil principalmente porque eles têm que conhecer uma diversidade de qualidades individuais, visto que os alunos são numerosos, além do fato de que as qualidades inatas serem de difícil observação. Mas “essa dificuldade pode e deve ser ultrapassada sempre atenta sempre renovada [...] os professores devem observar atentamente as crianças para conhecê-los”. (idem, p.182)

[...] se for o contrário, o professor deve dirigi-lhes palavras duras e de repreensão. Mas, tudo isso será feito com prudência e discussão especiais e os alunos. (RATKE, 1677, p.102)

Essas concepções foram usadas na Prússia. Com efeito o século XVIII marca o início da educação pública prussiana cujo objetivo era engrandecer o Estado . (LUSIANGA< 1859, p.15). Que a educação respondia`a [...] necessidade de contar com súbitos leais e funcionários idôneos.

Para se entender o significado da educação para os alemães é preciso saber que conforme Kreutz, na Alemanha entendia-se que já há muito tempo, a prosperidade de uma nação dependia da educação de seu povo. Já em 1763, Frederico o Grande, tornara a educação escolar obrigatória e determinara o aperfeiçoamento de métodos, a organização do material didático, proclamando que a força política, o bem estar social material e social.

No século XVIII Frederico II cria uma regulamentação para as escolas elementares, o que torna obrigatório o ensino dos cinco aos treze ou quatorze anos; esta para toda a população masculina. Já na época em alguns estados alemães a educação era para meninos e meninas.

Já no ano de 1839 era proibido empregar crianças menores de nove anos que não tivessem freqüentado a escola por no mínimo três anos. Em 1870 era um fato generalizado sobre a educação em toda a Prússia. Esta realidade fazia com que as crianças entre seis e quinze anos sejam obrigadas a freqüentar a escola. Em 1870 era de 10% entre os homens e 15% entre as mulheres. Havia também uma rede de escolas laicas isso fez o Estado prussiano entrar em choque com as igrejas católicas e luteranas pois, estas atribuíram só para si o ensino. Essas medidas irão repercutir no Brasil com os imigrantes alemães, pois, suas lideranças foram expulsas da Alemanha. Estas eram contra o modelo liberal que estava sendo instalado na Alemanha.

Em 1840, assume o trono um novo Monarca Frederico Guilherme IV. Esperava-se que ocorrem à reforma constitucional e a unificação constitucional e a unificação alemã. O novo rei resiste a implantar as reformas políticas pedidas pelos liberais e pôs em prática uma política inspirada em um ideal medieval de Estado. “Entre Deus e a Nação não deve existir nenhum papel escrito”. Este evoca antigas doutrinas do “direito divino dos reis”. Coloca para isso o ministro da reforma da Legislação Prussiana Friedrich Carl von Savigny (1779 – 1861).

Em consonância com o espírito da Aufklärung (critica a ou) ele defende a necessidade de livrar a Alemanha do peso de uma tradição jurídica obscuratista, uma miscelânea caótica do Direito Canônico e Códigos Romanos que não correspondia a realidade da sociedade alemã e as necessidades do povo e criar um código simples que fosse obra da nossa força e autoridade próprias [...] e ao conjunto de forças internas (costumes, opiniões, crenças, jurisprudências, escolas) configura o espírito do povo (Volkegeist) como a substância, a essência que perde o desenvolvimento orgânico[...]

Também nos deparamos com relatórios escritos, comentando sobre a educação na Prússia. O relatório do inspetor francês de ensino na França. (BAUBOIN, J.M, 1866)

[...] em nenhuma parte, a instrução está tão difundida nem é dada tanto interesse, nem dirigida com tanto cuidado. O mais pequeno povoado tem um escola primária, a mais insignificante seu ginásio, nas escolas médias, perfeitamente organizadas, dotadas e cuidadas. Na Alemanha todos se interessam pela juventude, os mais altos personagens e as mais ilustres senhoras lhes dedicam seu tempo, seu dinheiro, sua experiência, os melhores escritores redigem livros para as crianças, seus poetas compõem para as lições de ginástica e de canto, poesias que os mais ilustres compositores não tem desdenhado colocam musicas. Todo o povo alemão está convencido de que se ocupar da instrução é um dever pessoal e trabalha para o futuro do país. Cada um, se faz voluntariamente “Volkserziehen”

(mestre do povo) e, contribui por sua vez para o progresso da instrução geral. (CAPEL, 1998, p.89)

Todo esse sistema era organizado por meio de uma rede de instituições docentes que se estendia do maternal aos *Kindergarten* ^[16] e ao ensino médio. Essa metodologia consistia na aplicação dos novos modelos pedagógicos de Pestalozzi e associadas a outras concepções. São criadas novas escolas para formar novos professores. Este sistema será chamado Prussiano-pestalozziano. Nesse processo o *Heimatkunde* (Contato direto com a natureza) era aplicado. Ele tem seus antecedentes em Rousseau e Comenius além de Ratke e outros. Referindo-se a natureza, fé, observação, ciência e metodologias relacionadas com o método indutivo e intuitivo.

Voltando a Ratke, essas concepções estariam direcionadas a três vertentes: a organização da escola como “função do estado”, “gratuita e unitária”. Incluía a distribuição gratuita de livros, bolsas de estudo para as crianças pobres e a formação de professores. Havia uma preocupação e um compromisso com a educação, a otimização de custos e o seu próprio método de ensinar em seus livros didáticos, o reforço escolar a utilização do método indutivo (lição de coisas). A profissionalização para os empregos, a utilização prática dos ensinamentos escolares, e o ensino através do livro didático. Os conceitos e doutrinas da instrução educativa e dos passos formais era a metodologia da época.

A escola que foi trazida pelos imigrantes ao Brasil assimilou muito dessa metodologia

Esta ficou muito marcada na região do Rio Grande do Sul onde devido ao seu maior isolamento e ao número maior de comunidades manteve suas características originais de origem. Porém nos centros urbanos ela ocorreu uma outra sistemática. Nas escolas em Santa Catarina e nos centros urbanos esta se aproximou muito da escola nova. As escolas dos imigrantes chegaram a existir em vários pontos do país.

Com elas estavam afastadas de grandes núcleos colônias, estas acabam perdendo suas familiaridades com a cultura de origem e com o tempo acabam sendo mais uma escola dentre outras, integradas a realidade urbana chegando algumas mesmo a desaparecer e outras devido ao Estado Novo sendo obrigadas a trocar de nome e tirar o alemão como idioma. Com a final do governo de Getúlio e a democratização em 1946 começa de

parte de algumas escolas um incremento a valorização da cultura original. A metodologia utilizada sofreu diferenciações em áreas rurais e urbanas e interesses locais.

2.2) As escolas dos imigrantes: luteranos, católicas.

Na educação brasileira nunca tinha havido um processo tão grande de iniciativa na construção de escolas étnicas. Porém este processo não ficou restrito somente aos alemães. Italianos, poloneses e japoneses principalmente também as tiveram. A diferença é que enquanto ao longo do mesmo período as dos alemães crescem as de outros imigrantes decrescem. Essas escolas se estabeleceram fundamentalmente em núcleos colônias e área urbanas. No caso de área rurais estas formam núcleos populacionais com estruturas de apoio e enquanto imigrantes promoveram as escolas comunitárias.

Essas escolas tinham forte conotação étnica com exceção dos japoneses. As escolas dos alemães possuíam um credo confessional cristão (luterana e católica e mais tarde se seguem os metodistas, adventistas presbiterianos e do lado católicas diversas ordens que chegam ao Brasil expulsas pela perda dos estados pontifícios e da briga entre Estado e Igreja em alguns países europeus).

Além disso, havia um sem número de escolas particulares, geralmente em áreas urbanas, masculinas, femininas e mistas, mantendo especificidade dos núcleos de origem. Essas escolas ficaram conhecidas como centros de excelência no ensino primário e secundário. Entender a dinâmica do processo e tentar entender o porquê elas foram criadas a partir das lideranças religiosas. As colônias alemãs principalmente promoveram uma ampla rede comunitária no processo de educação. Estas semelhantes a seus países de origem. Estes núcleos se organizavam entre 80 e 100 famílias em torno de um centro, com infra-estrutura de artesanato, comércio e atendimento religioso. (KREUTZ, RBE, set/out/nov/dez,2000 nº15, p.159)

O Brasil foi o país com maior número de escolas étnicas na América, embora o fluxo de imigrantes fosse pequeno em relação a América saxônica. Com apenas 24% à

América do Sul, e o maior contingente opta pela Argentina. O Brasil em segundo lugar entre 1819 e 1947. A América do Norte fica com 68% da imigração européia. (CARNEIRO, 1950)

No Brasil o maior número foi de alemães 1579 em 1937 em seguida a dos italianos em, 396 em 1913. Quanto à escolarização dos imigrantes segundo relatórios da Secretária de Agricultura do Estado de São Paulo entre 1908 e 1932 que entraram pelo Porto de Santos eram alfabetizados; alemães 91,1 %, japoneses 89,9%, italianos 71,3%, portugueses 51,7%, espanhóis 46,3 %. (SCHADEM, 1980, p.14)

Outro item a ser considerado é que alfabetização mudava de acordo com imigrantes de um mesmo grupo étnico, dependendo do local de origem. Um dos motivos para que as escolas existissem foi porque o governo não as criou. Em função disso pressionam o governo que os incentiva a criá-las. O que mais tarde, o governo chamou de problema, pois, não esperavam que crescessem tanto e que dessem certo.

Durante o período mais intenso da imigração, a partir de 1890, o sistema educacional era altamente deficiente. Este com um índice de 80 % de analfabetos. O administrador da Colônia de São Leopoldo queixando-se ao Presidente da Província relatando que na região existiam três escolas públicas sendo que duas fechadas e uma funcionando mal em relação

à 22(32?) da imigração alemã e só uma ensinava em idioma português e pedia um decreto obrigando o ensino na língua nacional nas escolas de imigração. Contra sua expectativa, o Presidente da Província permitiu o ensino do alemão nas escolas públicas da região. (CARNEIRO, 1950, 1960, p.88)

Após o assentamento, os alemães e descendentes começam a organizar uma estrutura que incluía basicamente a construção de Igrejas e de escolas. Estas duas instituições foram a mola mestre e espinha dorsal do sistema. (KREUTZ, 1991). Quem mexesse nela, intrometia-se no próprio santuário na qual eram guardadas e se perpetuavam os valores culturais cultivados durante séculos. (RAMBO, 1997, p.7)

O desenvolvimento da escola alemã acelerou-se no final do século XIX com a criação de uma multiplicidade de organizações escolares, comunitárias, rurais, urbanas,

particulares, leigas e religiosas. São criadas associações de Canto (*Gesangverein*), Sociedades de Ginástica (*Turnverein*), Sociedades de caça e Tiro (*Schützenverein*) e criada a primeira sociedade de canto lírico (Sociedade *Orphen*) de São Leopoldo em 20-11-1858 e um cem número de associações. Não demos esquecer que para o imigrante alemão a questão de viver em grupos ou comunidades era algo tradicional que trouxeram na suas tradições.

As *Schützerein* era a que deixava as autoridades mais preocupadas estas existiam praticamente em todos os núcleos coloniais alemães. Esta era uma organização que teria sido criada na Idade Média com o intuito de proteger os moradores das invasões de senhores de terra e assaltantes uma delas foi a criada em Blumenau chamada *Schützengesellschaft Warnow* (Sociedade de atiradores Warnow). Também são criadas associações de professores Teuto-brasileiros (católicos e luteranos), jornais, revistas, Escola Normal ou institutos de formação, fundo de pensão para professores e também outras organizações são criadas.

Estas organizações buscam um sistema escolar diversificado cujo elo era a língua alemã. O auge desse sistema concentra-se nas primeiras décadas do século XX (KREUTZ, 1994). Estas sem mencionar que estes organizaram uma rede de 1041 escolas com 1200 professores em apenas duas décadas (1920 – 1930). Era um sistema em pleno funcionamento cuja filosofia central era vincular conteúdos a realidade do aluno com material didático próprio. Desses conteúdos constam à língua portuguesa e destes materiais didáticos, as gramáticas de língua portuguesa dos imigrantes.

Rambo(1994, p.124) e mencionado que, no currículo da Escola alemã, correspondia aquilo que os colonos achavam importante ensinar, conforme suas necessidades básicas: o ensino elementar, do catecismo, da Bíblia, da escrita e de aritmética dos cálculos para o dia a dia, além de cantos religiosa e profanos.

O Ensino da língua portuguesa começa no terceiro ano. Era ministrado de acordo com o recém publicado o livro "Sabe falar português?". Este consistia de exercícios de leitura, de escrita, de tradução de cálculo e se possível também exercícios de conversação com o ensino da língua,. Pretendia-se fornecer o ponto da partida para um futuro aprendizado da língua nacional. Os resultados dependiam das circunstâncias locais. (MITTEILUNGEN, Apud RAMBO, 1994, p.137).

A produção de livros para as escolas alemãs dos teuto-brasileiros aumentam, a medida que os importados não eram adequados para seus descendentes. Inicialmente, foram impressos em estilo tipográfico alemão (Gótico) e depois serão impressos no Brasil com partes em alemão e português já em estilo de letras romanas. Assim surgem cartilhas para alfabetização, livros de matemática de religião e de canto.

Com o tempo começam a surgir polêmicas na escola alemã. Acentuavam-se as suas contradições culturais. Egon Schaden afirmava que de um lado os colonos acham convenientes adquirem os hábitos dos brasileiros e ao mesmo tempo preservarem suas tradições e procuravam manter seus hábitos e tradições.

O debate entre os imigrantes da escola alemã realçava o dilema de ensinar ou não o português.

Aqui no Brasil se encontra à pátria de nossos filhos, aqui no Brasil vão viver, trabalhar e morrer. Sem entender a língua da terra ? [...] . Caso não queiram sucumbir na luta pela vida, eles terão que saber português e devem saber bem o alemão. (Prof. STRECKER apud RAMBO, 1996, p.180)

De outra parte, o português como língua oficial do país, consagrava, por assim dizer, em definitivo e perante a sociedade o filho do imigrante como cidadão brasileiro.

Não ser capaz de entender a língua oficial e não ser se fazer entender nela resultam, em situações constrangedoras. A partir da metade da década de 30, generalizou-se a convicção de que o desconhecimento do vernáculo confira às pessoas uma segunda categoria [...] . Em função disso, o professor obrigavam-se a dominar, a nível ao menos razoável as duas línguas. (RAMBO, 1996, p.183)

Quanto ao ensino de português era colocado como algo que deva ser ensinado mas não colocado em primeiro plano. Se isto vier a acontecer o espírito alemão enfraquecerá é o espírito da indolência será introduzido na escola teuto-brasileira, tal como existe em muitas escolas públicas. (KALENDER FÜR DEUTSCHEN IN BRASILEN, 1920 apud, RAMBO, 1996)

Durante o Império a questão de falar ou não o português era algo que não preocupava o governo imperial. Afinal eram auto-suficientes. No início da República as

elites não compreendiam como sendo brasileiros falassem alemão e não esqueciam suas tradições e não falassem português? Com relação a esse problema, são criadas as gramáticas que foram alternativas. Seria possível aprender o português sem perder as características alemãs?

Em função disso, as gramáticas surgem com objetivos explícitos e explícitos pretendem apresentar o português aos que não o conhecem e aqueles que têm algum conhecimento e desejam se aperfeiçoar. No acervo bibliográfico encontramos diversas obras sobre a língua portuguesa. Estas inicialmente publicadas no exterior.

Algumas publicações: *Portugiesisch Gramatik* (J.K. Anstett, Leipzig, 1921); *Portugiesisch Brasilianischer Dolmetischer* (E.T. Bösche, Hamburg, 1930); O brasileiro (G. Eils, Heidelberg, 1930); As publicadas acerca da língua portuguesa foram publicadas por Carl Jansen (1863); Friedrich Bieri (1876) ; Willam Rotermund (1879); Rudolf Dann (1901) e muitos outros autores.

Também alguns escritores e ex-brummer com Carl Jacob Cristrono Jansen (1829 1889) natural de *Köln*. Viveu no Rio Grande do Sul, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Sua gramática chama-se *Neuestes Praktisch Theorie Tisches Lehrbusch der Portugiesischen Sprache*, sendo a 12ª edição publicada pela Casa Gomes Pereira na cidade do Rio de Janeiro em 1926. A primeira publicação de sua gramática data desde 1863. Publica obras como o Patuá um romance regionalista. No Rio de Janeiro funda o colégio Jansen e, mas tarde presta concurso para o Colégio Pedro II e foi professor de língua e literatura alemã.

Georg August Büchler (1884 – 1962) nasceu em *Steinach -Hessen* . Frequentou escolas em *Damstadt* e formou-se em 1901 em pedagogia. Emigra no ano seguinte para Brasil e assume a Escola Nova em Blumenau, lecionando inglês e matemática, em seguida língua português. Sua gramática chamava-se *Portugiesisches Sprachbuch für Kolonieschulen*, teve duas edições em 1914 e 1924 pela editora Koeler (Blumenau). Sua gramática encerra-se com a tradução da Canção do Exílio de Gonçalves Dias.

Talvez o mais importante desse grupo tenha sido o pastor Willam Rotermund (1843 – 1935). Estuda na Faculdade de Teologia da Universidade *de Erlangen*. Em 1866

trabalha em *Göttingen*, onde produzir sua primeira obra *Jesus Christus*. A partir de 1866 trabalha como professor. Doutorou-se em *Jena* e casa com Marie Brabandt, emigra em 1879 para o Brasil.

Em 1877, acompanha a liquidação da Sociedade Senoidal de livros e funda a livraria Evangélica (*Evangelische Buchlandlung*) que se tornará a editora Verlag Rotermund & Co.

Esta passará a imprimir muitos livros e obras que devido a sua qualidade serão usados tanto pelos católicos como pelos evangélicos. Esta editora funciona até hoje em São Leopoldo. Segundo Fausel (1936, p.41) Rotermund escrevendo ao cunhado na Alemanha.

Morgen werde ich wohl länger o blenbluben, in ein kleines Rechenbuch für den Druck feittig zu machen mit dem Lehrer in Lomba Grande. In orgen, in dieser Jahr ist ein Hilfsbuch zur Erermung der Portugieschen Sprache von uns heransgegeben Nächstens Kommant ein Rechenenbusch ende so Gott will, auch ein Kalender. Das gibt viel zu screiben tut der Arm Aschonweh. ^[17]

Kreutz(1994, p.90). Consta a referência ao livro *Hilfsbuch zum Erlangen der Landesprache für Kinder Schulen in der Kolonien von Brasilien* da Editora Rotermund em 1879, de Henrich Meyer, professor de Lomba Grande. Um outro texto de Rotermund também resalta a importância da tradição alemã e justifica na época a sua reputação.

Jeder gibt sich do, wie er von ? Natur und Erzielhung aus geworden ist. Num wird ganz allegemeiun eingestanden, daB die Arbeuten im Hause, auf dem Felde, in Geschälft und Staatlicken Aemtem im Privatverhr und in Gesenllschaften allegemeine Achtung, ja oft genug hohen Ruhn erworbew haben. [] (ROTERMUND apud JUENE MANN, 1929, p.31) ^[18]

Mais abaixo Rotermund justifica sua afirmação:

Nichts anderes als ihr Deutscthum, d.h. weil sie Deutsch sprechen, Deutsch Denken, Deutsch liben, Deutsche Setten und Geworheiten, Deutsche Triebkraft um idealehaben. So länger sie dieses ihr Deutsctum bewahren, werden sie ehrer geungen Anzhlt der Germanen, [...] weil auch sich die Tochttersprechen der Römer aneigneten und damit in dem Anschanungen und Leben weise der Romanem aufgingen. ^[19]

A Bibliografia atesta o desejo de preservar o patrimônio cultural, porém, ele é obrigado há mudar um pouco essa idéia.

[...] diebehe für das Deutsctum und der Kampft in der Reinhaltung unserver Deutschen Sprache, denn in verliien wirdien, dann gehen wir unter, als eben "Kulturdünger zu sein aber me nuhr Mitarbweiten au der Aufwärtserntwick lung der welt. ^[20]

Ao mesmo tempo em que defendia a necessidade do lugar alemão, isso dentro do contexto da Primeira Guerra Mundial. Porém, mais tarde, ele começa a atribuir valores ao português já no contexto da Segunda Guerra Mundial. Também um outro alemão chamado Rudolf Dann que atuou em Santa Catarina, onde a imigração apresentou diferenças em relação ao Rio grande do Sul.

Este morou provisoriamente em Florianópolis e Joinville. Fixou-se, entretanto, em Blumenau cujo sistema escolar resumia a experiência das zonas de colonização mais antigas, onde se ensinava baseado na Escola Nova. Sua gramática se insere nesse contexto.

2.2.1) Escolas luteranas.

É importante ressaltar que ao chegarem ao Brasil já havia uma tradição de pelo menos três séculos de ensino obrigatório na escola pública alemã. Já no Brasil na segunda metade do século XIX nestes incluídos os metodistas, presbiterianos, batistas, congregacionais, adventistas e anglicanos. Estes novos protestantes tinham uma visão diferenciada dos tradicionais luteranos quanto, a questão da fé. A idéia de escolas tinha muito mais um caráter doutrinal que filantrópico.

Existiam no Brasil, em maior número que os de confissão a partir da segunda metade do século XIX. Era entendido que a escola era fundamental para a ação da catequese. Dessa forma a leitura da Bíblia seria importante para a fé. Porém, para Lutero, não haveria nisso uma atribuição da Igreja.

Porém quando o Estado prussiano cria as escolas laicas que foram influenciadas pelo Iluminismo houve uma forte tendência a favor da escola confessional em diversas regiões da Alemanha. (JOERG, 1960)

Para Lutero sempre que for investido um florim em gastos militares devem ser gastos cem florins em escolas. Os imigrantes alemães também sentem essa influência no Brasil também sentem os efeitos do Movimento de Restauração. Em todos os relatórios dos Concílios Gerais do Sínodo, o tema central era a escola.

Isso demonstra o quanto a Igreja assume o papel de coordenação e difusão de escolas comunitárias. (HOPPEN, 1968, DREHRER, 1984 – 1996)

2.2.2) Escolas católicas.

O projeto de Restauração católica, a partir de 1864 teve fortes reações nos católicos alemães no Brasil.

a) a presença dos imigrantes no Brasil o que motiva as ordens religiosas dos respectivos países a assistirem seus emigrados.

b) Problemas entre Estado e Igreja na Alemanha (*Kultur Kampf*), a perda dos Estados Pontifícios, disputa sobre quem deve educar (Estado ou Igreja). Isso levou as ordens religiosas a procurarem outros lugares onde pudessem se expandir.

c) a expulsão das ordens religiosas e congregação de alguns países europeus. Isso motivou a vinda de lideranças de todo um conjunto de congregações masculinas, femininas, no período marcado pelas tensões entre Igreja e Estado.

A atuação da Igreja se apoiou em: A Difusão da imprensa, ampla rede de organizações, associações religiosas, culturais, principalmente escolares e professores. Dever-se-ia incentivar, a ação pastoral, com a imprensa, sindicatos, hospitais, cooperativas e especialmente escolas para a formação de professores. (RABUSKE, 1974, p.31)

No Rio Grande do Sul chegam ao Estado, os Jesuítas, os Franciscanos, os Franciscanos da Saudade, os Palotinos alemães, os Capuchinhos franceses, as irmãs de São José de Moutiers, os Maristas Franceses, as irmãs de Santa Catarina, os Lassalistas Franceses, os Salinais da Itália e mais uma infinidade de padres diocesanos.

A partir de 1900, já se tornara consenso que cada núcleo colonial deveria escolher o professor com casa, roças e benfeitorias. Mas tinha o direito de dispensá-los se não correspondessem às expectativas. Este professor era subordinado a autoridade eclesiástica, e, era entendido como uma extensão do padre, e na ausência dele presidia o culto, acompanhava os doentes, era catequista, animador de canto litúrgico.

“Por todo o tempo que existiu o professor paroquial foi ele quase sem exceção, sua figura exponencial em numerosas comunidades. Era um homem polivalente, e preparado para ser professor, educador, catequista, diretor de missa dominical, regente de coral e organista” [...] (ETEGES, 1994, p.1)

2.2.3) Pontos em comuns aos dois credos.

A partir de 1870, a escola deixa de ser estrita ao interesse da cada núcleo colonial. Começa a ser incentivada planejada e coordenada pelas igrejas católicas e luteranas, adquirindo com isso caráter confessional. Com isso os dois lados acabam criando algumas estruturas.

- 1) Associação dos Professores Teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul (*Deutsch Katholischen Lehereverin*).
- 2) Associação dos Professores Teuto-brasileiros Evangélicos no Rio Grande do Sul em 1901.
- 3) Associação dos Professores Teuto-brasileiros em Santa Catarina (*Deutsch Brazilianische Lehrverein Santa Catarina*).
- 4) Associação dos Professores Teuto-brasileiros Católicos (*Mitterlungen*, depois *Lehrer*, 1900 – 1939).
- 5) Jornal/Revista dos Professores Teuto-brasileiros evangélicos no Rio Grande do Sul (*Allegemeine Lehrerzeitung*).
- 6) Escola Normal ou Instituto de formação para os Professores (*Lehreseminar*). Existiam três *Lehreseminar* estes de acordo com o credo confessional.
- 7) Fundo de pensão e aposentadoria (*RHGK – Ruhe und Hinterblebeme Gehaltskasse* este comum, aos professores teuto-brasileiros de ambos os credos confessionais e dos diversos estados com imigrantes alemães no Brasil).
- 8) Realização de assembléias escolares (*Deutschbanbeumsche Schultage*)

9) Ampla difusão e produção de material didático específico para a escola Teuto-brasileira adequada a seus objetivos. Foram na época produzidos acima de 150 manuais didáticos para uso nas escolas teuto-brasileiras. (KREUTZ, RBE, 2000, nº25)

Já em 1938 circulavam entre os imigrantes 36 títulos diferentes de jornais, revistas mensais, folhas semanais. Um título: O Livro Escolar (*Das Schulbuch*). Também existiam reuniões mensais, troca de idéias sobre os manuais (ibidem, KREUTZ)

Relato de Telmo Müller no livro *Imigração Alemã*. Um breve resumo:

[...] as crianças vinham de muito longe a pé ou a cavalo cerca de 3 ou 4 km. Não havia nenhuma escola os imigrantes as tiveram que construir. Esta escola era para escrever, ler, e fazer contas. Assim surgem as escolas para a comunidade (Gemeideschule) . [...] não havia uma picada lá no fundo do mato, onde não funcionasse uma escolinha. O material era simples: A lousa (Tafel), o lápis de pedra (Griffel), e mais tarde a cartilha (Lesebuch). Estas aumentando em número e espalhadas com novas levas de imigrantes. Essas escolas garantiram a luz de milhares e milhares de pessoas. Por volta de 1938 eram mais de 1000 escolas coloniais. O IGBE registra o menor número de analfabetos na colônia alemã.

[...] tudo começou com meu nascimento, como o terceiro filho de uma família, cuja mãe fazia todo o serviço da cã, cuidava dos animais, da horta, tirava leite da vaca dava comida ao porco, vaca. Meu pai que na adolescência havia aprendido, na prática, numa casa comercial o que era ser livro-caixa, o que eram juros. Ele foi indicado para escrivão, cargo que dava nome a quem o ocupasse, mas acabou fazendo o trabalho burocrático de uma fabriqueta de sapatos. Com o tempo vão nascendo novos irmãos. Havia a lembrança aos antepassados, respeito e obediência aos mais velhos, e aos pais, ajuda a mãe, enxugando a louça, recolhendo a roupa seca no varal e aos oito anos “Loos endie Schuu ! (toca para a escola) isso no melhor dialeto Renano lá do Hunsrück.

[...] ao meio dia, a volta da escola , o almoço, enxugar a louça e daqui a pouco, a ordem interativa “Die Aufgawe mache” (fazer a lição de casa). Só depois vinham os brinquedos [...]

Ao anoitecer, a mãe ia tirar o leite e tratar a vaca, tendo os filhos a seu lado nos seus calcanhares, segurando cada um uma lata, um balaio.

Na área dos fundos, era a zona da limpeza pessoal: lavar os pés na gamela (Kammel), e enfiar o pé no chinelo ou tamanco.

A mãe já na cozinha, fazendo a comida da noite. O pai sentava na cadeira maior e as crianças menores em cadeirinhas [...] o menor no colo do pai[...]. A mesa estava posta com carne, batatas, verduras, sopa [...].

No domingo, ida ao culto referindo-se a Igreja Evangélica e missa referindo-se a Igreja Católica. O culto era chamado de Gottendienst para adultos as crianças iam ao Kindergottesdienst, ou seja, culto infantil, a gente ganhava figurinhas com desenhos coloridos e dizeres bíblicos. Uma festa !

Havia um elemento desagradável, tínhamos que ir de sapatos. Durante a semana as crianças andam descalças até na escola.

A medida que crescemos mudam os encargos, da família, os cinco elementos; respeito, disciplina, ordem, trabalho e religiosidade. Estes viriam a ser os formadores de minha vida [...]. Prossegui os estudos até a Universidade e hoje pesquiso sobre as origens da imigração alemã.

2.2.4) Um Método Pedagógico na Escola dos Imigrantes.

Irei comentar a análise de forma reduzida no livro *Praktische Rechenschuke in Vier Helfen für Brasilen Schulen in Brasilen* . O ensino prático da aritmética (1915). Preparação dos alunos para a capacidade produtiva nas aldeias.

A análise foi feita pelos professores Sandino Holf e Maria Angélica Cardoso Mestrado em Educação da UNC. O Autor é Otto Büchler que, o elabora em 1915. E já estava na 6ª edição em 1924. Aparece com 5000 exemplares e cerca de 165 mil até 1930.

O Manual pertence ao Museu de Contestado do Caçador (Santa Catarina). Contém 65 páginas e seu conteúdo são as quatro operações básicas de série de números até 100. A editora é a Verlag Rotermond e Co.

No prefácio o autor informa que se utilizou de números recursos metodológicos anunciando que o livro pertence aos novos tempos isso em 1915. O Manual recebia propostas de melhoria nos cursos de formação de professores luteranos e em assembleias de professores. O Manual em questão seria fruto de uma coletividade no qual no autor no prefácio agradece a colaboração dos professores.

Para Sandino e Maria Angélica que afirmam que houve uma diminuição entre a teoria e as práticas escolares. O livro surge com o conceito de número e sua contagem, através de figuras de dedos nas mãos, exatamente do mesmo modo como nos atuais. Segue com atividades envolvendo números sucessores e antecessores e sua composição com números pares e ímpares, ordem crescente e decrescente. Várias atividades são propostas para o ensino das unidades, e dezenas exatas. OS exercícios trabalham o cotidiano do aluno e de sua vida agrária. O Autor relaciona a quantidade (um conceito abstrato com unidades de objetos concretos, destacando o termo que dá conta dos dois conceitos (quantidade e unidade) ao mesmo tempo).

No regulamento de Gotha em 1692, elaborado a base das concepções pedagógicas de Ratke e Comenius, encontra-se o estudo das medidas de tempo e comprimento em atividades muito parecidas com que as encontramos hoje nos livros didáticos. Vejamos um exemplo:

$$1 + 1 = 2 \text{ ou } 2 \times 1 = 2$$

$$2 + 2 = 4 \text{ ou } 2 \times 2 = 4$$

$$1 = 1 = 1 = 3 \text{ ou } 3 \times 1 = 3$$

$$2 = 2 = 2 = 6 \text{ ou } 3 \times 2 = 6$$

Existe a preocupação do autor em usar o manual de forma prática e prazerosa. Neste manual estaria presente o realismo germânico quando apresenta um ensino prático e útil e voltado para a realidade, ao manter a atenção voltada para a observação do meio: Este como instrumento de trabalho rural restrito a vida doméstica e mercado local. A pedagogia nova estava presente. A *Arbeitsschule* (escola ativa) envolve os alunos através de discussões e contribuições, especificamente lições de aula, ministradas em forma de torneios na sala de aula.

Há no manual contribuição de Decroly, Freinet, mas a maior ênfase é dada em Pestalozzi. O Manual segue o método do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato, do particular para o geral (CARDOSO, Angélica. HOLZ, Sandino. O Manual : o ensino prático da Aritmética 1915)

CAPÍTULO III

O Fechamento das Escolas Étnicas.

3.1) Motivos Ideológicos.

Pode-se dizer que a questão dos núcleos de colonização já começava a preocupar os políticos do Império. Boa parte deles, não entendia como é que sendo brasileiros continuassem a falar o alemão e mantendo suas tradições principalmente o grupo alemão.

Nessa concepção já começaria a configurar um antagonismo a partir do Decreto de d. João VI e de vários políticos que queriam branquear a raça brasileira. Antagonismo na medida em que negavam a origem étnica do povo brasileiro e em determinado momento queriam que os imigrantes esqueçam suas origens e se tornassem brasileiros como os outros. Porém ao longo do século XIX e XX o imigrante em geral era tratado com pessoa de segunda categoria. Isso devido talvez, a mentalidade escravocrata dos grandes proprietários de terra no qual isso ficou evidente quando foram trabalhar nas fazendas de café e foram tratados como escravos. Os objetivos de d. João era de ter

colonos com pequenas propriedades e núcleos familiares o que aconteceu no Sul ao contrário de outras regiões.

Outro ponto era a questão religiosa eles não eram na sua maioria católicos, afinal a religião oficial do Estado não era evangélica e sim católica e mais a questão de nacionalização do imigrante não foi resolvida imediatamente. Com a república o “problema” das áreas de colonização começa a ser pensado de forma mais séria. Como sendo brasileiros falassem uma língua que não fossem o português?

Novamente a questão de exclusão como já tinha acontecido em diversos momentos do Império e República quando movimentos regionais foram abafados com violência. Dessa forma, havia severas críticas ao Império, pois, tinham sido esquecidos e não foram absolvidos.

A clivagem de natureza étnica se torna mais evidente no início da República uma maior instabilidade política das antigas colônias, “afinal deu certo”, “tinham escolas” “tinham associações”, Afinal a educação era só para as elites, educar, para que, para ficarem perigosos. Em cima disso a formulação étnica que pedia o direito a especificidade cultural.

Um outro agravante foram as propostas do chanceler alemão Otto von Bismarck que com o pan-germanismo conclamando os alemães e seus descendentes a se reunirem em torno de uma nova Alemanha.

E a partir da Primeira Guerra Mundial. Isso reforçou o pensamento étnico a nação alemã. O que mais incomodava as elites republicanas e que queriam ser brasileiros, mas, mantendo sua identidade étnica, como teuto-brasileiros que buscam sua noção de *Deutschtum* (germanidade) apoiados no *jus-solis*.

O isolamento relativo dos colonos deve-se mais a própria política de imigração do que por culpa deles e não por livre opção do emigrado. Não existiam planos para o assentamento. Falta de recursos públicos, de escolas, e saúde. Isso os leva a que eles próprios elaborassem uma forte organização comunitária que teria vindo do discurso ideológico “trabalho alemão”.

Associações comunitárias (laicas e religiosas), escolas comunitárias ligadas a ordens religiosas, diversas sociedades, o uso cotidiano da língua alemã, além de todo o complexo econômico e social. Uma organização apoiada na pequena propriedade rural e familiar deu aos colonos uma feição própria e diferenciada da sociedade nacional que ainda estava baseada na grande propriedade, na escravidão, na falta de escolas enfim eles criam o que faltava no resto do Brasil e é claro que isso irá incomodar aos donos do poder. Havia o temor que eles criassem um estado dentro do próprio estado. Esta situação se agrava na República.

Para o colono o elemento mais concreto é o sentido de comunidade algo que não havia na sociedade brasileira o sentido de comunidade estes possuíam uma cultura comum (*Volkgeist*). Diversas sociedades culturais: tiro, ginástica, canto estilos arquitetônicos (uma organização do espaço diferente, hábitos alimentares, uma sociedade em que a mulher tinha mais direitos que as brasileiras. Eram uma sociedade não patriarcal quanto a nacional. Nessa sociedade a mulher também opinava podia ler e escrever tinha hábitos e costumes que perturbavam e incomodavam os puritanos luso-brasileiros.

Ao contrário via de regra muitos imigrantes lusos que só teriam vindo para enriquecer por isso não fez nada ou quase nada fizeram para melhorar o local onde moravam. Ao contrário o imigrante principalmente o alemão considerava que aqui seria a sua nova Pátria. Com isso os conceitos de Nação e Pátria (*Deutschbrasilien*) se confundem. O Ato de emigrar significou o rompimento com a Pátria de origem, mas não o Volk (etnia, povo).

A Nação alemã concebida como unidade cultural e lingüística que deve unir um povo, uma étnia de mesma origem e um mesmo território (*Heimat*). O *Vaterland* considerado como o estado brasileiro ou *Muterland* a “mãe terra”. Ao se destacado o papel civilizador, dos colonos, a ideologia étnica também resultaria em um progresso material. Seria como algo que o cidadão trabalha pelo seu país (este ideologicamente seria a nova pátria no caso, o Brasil). Logo, eles terão o dever de construir e melhorar o Brasil afinal essa é sua nova Pátria que é o seu novo *Muterland*.

O ponto já citado e quanto ao Pan-germanismo da tal superioridade germânica proposta pro Bismarck em 1890. Com isso os aspectos racistas da propaganda sistemática realizada por membros da liga pan-germânica que defendiam a busca do espaço vital (*Lebensraum*). Afinal a Alemanha, foi o último país Europeu a ser unificar, e com uma produção industrial que começa a superar a França e Inglaterra juntas e por isso precisava de novos mercados.

Essas ideologias inspiradas em Chamberlain, Gobinau e em outras doutrinas relacionadas com o racismo moderno. Ele pretendia a reunião de todos os alemães do mundo (*Alldeutsche Verband*) e sua lógica pan-germânica eram os *Auslanddeutsche* (alemães no estrangeiro). Embora no Brasil a categoria *Auslanddeutsche* não parecesse prevalecer sobre a categoria *Deutschebrasilioner* (*Deutschbrasilien* em alemão padrão).

Os colonos alemães e seus descendentes construíram uma cultura própria diferenciada da alemã. Esta diferenciação será citada nos relatórios da *Abweher* que os considerava muito brasileiros isso na época da Segunda Guerra.

Estes viviam umas espécies de doença: tinham no Brasil a sua pátria se consideravam brasileiros, recolham impostos, ajudaram no desenvolvimento econômico, ainda no Império se alistam no Exército para lutar nas fronteiras. Mas acima de tudo se consideravam ligados à nação alemã pela língua, pelos costumes e espírito (*Geist*).

O Conhecimento da língua portuguesa foi algo que preocupava os imigrantes. Exata questão era importante tanto para o grupo étnico como para as autoridades brasileiras desde o início da colonização. (FIORI, 1993)

Em Santa Catarina a Campanha de Nacionalização já tinha começado e vinha acontecendo de forma sistemática desde 1911, no governo de Vidal Ramos, sob a responsabilidade de Orestes Guimarães. Dentre as estratégias adotadas para a nacionalização foi à criação de grupos escolares, nos municípios de origem colonial e pela imposição do ensino do português nas escolas dos imigrantes. (LUNA, 2000 p.40)

A partir de 1917, ocorreu a primeira intervenção no nível de ensino primário com a participação do governo federal, intervenção esta amparada pelo Decreto 13.014, de 4 de maio de 1918. O decreto resultou, em Santa Catarina, na criação da Inspetoria Federal das Escolas Subvencionadas pela União, sendo Inspetor Geral do Ensino Orestes Guimarães, que exerceu a função até 1931, quando veio a falecer (MONTEIRO, 1984, p. 58).

Entre 1938 e 1939, objetivando nacionalizar o ensino em Santa Catarina, foram aprovados vários decretos-leis. “Foi, sem dúvida, o decreto-lei nº 88 do governo Nereu Ramos a mola propulsora da nova política de nacionalização posta em prática em Santa Catarina, durante o Estado Novo. O legislador atingiu o ponto básico de todo o processo de nacionalização – a escola particular” (MONTEIRO, 1984, p. 60).

O decreto-lei estadual nº 88 foi aprovado em março de 1938. Em seu segundo artigo prescrevia: “Nenhum estabelecimento particular de ensino primário poderá funcionar, no Estado, sem prévia licença da Secretaria do Interior e Justiça” (apud MONTEIRO, 1984, p. 61).

A ação do decreto-lei pode ser observada por exemplo, nas escolas elementares de imigrantes alemães em Joaçaba. Em 20 de maio de 1938, o pastor Albert Bantel, da Estação Rio do Peixe, comunica ao pastor D. Dohms, Presidente do Sínodo Riograndense em São Leopoldo:

Prezado senhor Presidente!
Quando estive em Cruzeiro no dia 18 de maio, o presidente paroquial da paróquia de Bom Retiro, Sr. Herbert Lauxmann, se queixou de que, com a implementação do decreto escolar, as duas últimas escolas evangélicas em Duas Casas e Leãozinho seriam fechadas, visto que ambas as escolas têm como professores cidadãos alemães. Até agora não foi possível encontrar professores para sucedê-los (PASTA SR 63/1).

O decreto-lei nº 88 também impunha condições para contratação de professores e dirigentes dos estabelecimentos de ensino particular: “só brasileiros natos podiam ocupar cargos de direção, os professores deviam ser brasileiros natos ou naturalizados em escolas brasileiras” (SEYFERTH, 1999, p. 220).

Na ocasião, já vetado o ensino em língua estrangeira, conforme determinava o artigo sétimo do decreto-lei nº 88, as escolas particulares deveriam: “dar em língua vernácula todas as aulas dos cursos pré-primário, primário e complementar, inclusive a

educação física; adotar os livros aprovados oficialmente; usar exclusivamente a língua nacional...” (apud MONTEIRO, 1984, p. 63).

Isso implicava, portanto, que o ensino a ser ministrado nas escolas deveria se processar exclusivamente em língua portuguesa, determinação que inviabilizava, sobretudo. O ensino na escola da comunidade evangélica luterana, uma vez que o Sínodo Riograndense, como “Igreja Evangélica Alemã, atuava exclusivamente no interior da comunidade lingüística” (PAIVA, 2003, p. 113), o que era extensivo ao sistema escolar comunitário.

O Decreto nº88 também impunha condições para contratação de professores dirigentes de estabelecimento particular. Só brasileiros natos podiam ocupar cargos de direção, os professores deverão ser brasileiros natos ou naturalizados em escolas brasileiras.(SEYERTH, 1999, p.220)

Na década de 30, a campanha de nacionalização do ensino tomou novos rumos. O Estado brasileiro encaminhava-se para a formação de um Estado autoritário. “O grande projeto político a ser materializado no Estado Novo, iniciado com a Revolução de 1930, tinha como núcleo central a construção da nacionalidade e a valorização da brasilidade, o que vale dizer, a afirmação da identidade nacional brasileira” (BOMENY, 1999, p. 151).

Novamente as escolas elementares de imigrantes, sobretudo alemães, eram motivos de preocupação para as autoridades governamentais. A condição em que se encontravam é sintetizada por Klug: “Ao iniciar a década de 30 a escola teuto-catarinense encontrava-se numa situação delicada. Estava colocada entre a política nacionalizadora do Brasil e a influência crescente do fascismo alemão” (KLUG, 1997, p. 210).

O período do estado Novo marca os antagonismos de uma política baseada nas doutrinas nazi-fascistas que oficialmente Getúlio vai combater embora internamente suas medidas sejam ditatórias. Foi à época de um poder legislativo atuante pelo período do paroxismo do poder autoritário implantado em 1937, e desemboram nos anos de

progressiva liberalização política que se seguem ao alinhamento brasileiro com os aliados.

Para entender as políticas do Estado Novo devemos buscar e entender o projeto fascista de Francisco Campos (1891 – 1968). E no seu livro “Estado Nacional” que ele elabora com minúcias os fundamentos políticos que justificariam a criação de um estado totalitário que deverá substituir o estado liberal democrático que para ele estaria em decadência.

Se encontra na literatura clássica críticos ao liberalismo como Michael Manolesco dizendo que o estado Moderno irá caminhar para um governo de autoridade, ao contrário do século do século XIX que viu as revoluções, uma era de liberdade e de individualismo. Agora seria o guia da Pátria que irá guiar a nação ao seu futuro (o pai dos pobres). Francisco Campos toma a ordem legal e a ordem real para justificar a falência do modelo liberal e sua substituição pelo estado totalitário no Brasil. Dessa forma era imperativo anular o “neutro” em favor do líder carismático que una todas as massas populares. Para ele os meios justificariam os fins. Dessa forma a violência e o controle seriam válidos. Ao estado caberia a responsabilidade de tutelar a juventude.

3.1.2) A Construção da Nacionalidade Brasileira.

Era algo que era difícil de conceber em um país de imigrantes, nunca houve de parte das diversas correntes políticas alguma significação que defendesse para o país a construção de uma sociedade pluralista, que desse condições a seus habitantes de manter e desenvolver uma identidade étnica e cultural.(SCHWARTMAN, BOUSQUET,COSTA, 2000). No século XIX após a Independência se procurou criar uma história mitificada de heróis, esta baseada em vultos portugueses, ignorando as origens étnicas do povo brasileiro em que estariam fora os negros e os índios (ibidem,2000).

O projeto de homogeneizar a população dando cada nova geração o instrumento do idioma, os rudimentos da geografia e história pátria os elementos da arte popular. O abasileiramento desses núcleos de imigrantes era visto com o um dos elementos do grande projeto cívico. Este deveria se feito através da educação. Tarefa que acabou sendo feita de forma mais repressiva do que pedagógica, mas na qual, o Ministério da

Educação e Saúde de Capanema se empenhara a fundo. Porém, na prática não tiveram recursos para implementar as escolas em número igual as étnicas também e inegável que muitas foram abertas. Estas, porém, em número inferior as dos teuto.

Para isso, se terá que dar um conteúdo nacional a educação transmitida às escolas e por outros instrumentos formativos. O grande dilema era o que se deveria ensinar. O certo era que não seriam as raízes da formação da cultura brasileira. Tiveram preferência os aspectos do modernismo brasileiro relacionados ao “ufanismo verde amarelo”. Uma história mitificada e das instituições nacionais e o culto as autoridades.

Dessa maneira, não faltariam publicações oficiais, ênfase ao catolicismo do brasileiro em detrimento de outras formas legítimas de religiosidade. Também o projeto visava a padronização de uma universidade padrão, livros didáticos padronizados, uma única bandeira ^[21] e seus símbolos como demonstração da unidade brasileira. Controles federais e fiscalização, um ideal de centralização do tipo napoleônico ^[22]. Com isso, o outro ponto foi justamente, a erradicação dos grupos étnicos, lingüísticos e culturais que se havia construído o país.

Em janeiro de 1938 em ofício reservado ao Chefe do Estado maior do Exército general Pedro Aurélio de Góes Monteiro (1888 – 1950), ao então ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra ^[23]. Nesse ofício é citado o perigo dos núcleos estrangeiros organizados que trazem a Segurança Nacional. Os inconvenientes desses grupos que não se diluem no nosso meio, mas mantendo suas características originais. Nessa fala a alusão principalmente ao grupo alemão.

O comandante da 5ª RM de Porto Alegre destaca os perigos da colonização alemã, italiana, japonesa, polonesa, destes os mais organizados são os alemães que devido ao isolamento, transmitem aos seus descendentes, língua, cultura, costumes, crenças, mentalidade, patriotismo ^[24].

Góes Monteiro, afirma que o projeto alemão tinha obtido sucesso nas áreas de colonização. Esta com uma infinidade de associações esportivas, de classe, além de escolas (jardins de infância, primário e secundário). De uma vida nitidamente germânica, fruto da propaganda germânica e da busca da perpetuação da cultura através do ensino da língua materna.

A associação entre os secretários estaduais de educação e os esforços policiais na função repressiva foi salientada por Cordeiro de Farias. Documentos e depoimentos dos próprios grupos estrangeiros aludem frequentemente à prisão dos alemães só pelo fato de serem alemães por identificá-los com o nazismo. Não foram poupados métodos repressivos violentos. Inúmeros foram às queixas e perseguições aos alemães, aos amigos destes, aos seus descendentes. Correspondências violadas, jornais, revistas, programas de rádio, e ainda perseguição e molestamento das pessoas que tinham por hábito usar a língua alemã no seu trabalho diário ^[24].

Para a antropóloga Giralda Seyfrethy, existem três formas de estabelecer a nacionalidade de uma pessoa: pela herança de sangue fundamentada no *jus sanguinis* que exclui critérios geográficos, pelo local de nascimento de uma pessoa, baseado no *jus solis*; ou pela combinação dessas duas coisas; esta última alternativa levou a uma dualidade de nacionalidades, principalmente entre grupos de imigrantes estabelecidos fora do país de origem, gerada pela confusão em torno dos conceitos de pátria, cidadania e nacionalidade.

Por exemplo, na ideologia pan-germânica qualquer descendente de alemães teria direito a nacionalidade (*Volkstüm*) enquanto a cidadania estaria restrita aos que nasceram na Alemanha.

A cidadania tinha a ver com a vinculação ao Estado, nacionalidade, com direito de sangue (e não com a eventualidade de se ter nascido ou não na Alemanha).

Dessa forma na concepção pan-germânica, todos os descendentes, em todo o mundo, poderiam ter uma unidade nacional sem se constituírem necessariamente traidores dos estados de origem. Entretanto esse grupo era considerado ameaçador pelas autoridades brasileiras. Isso criou pra o grupo teuto-brasileiro, uma vez confusão, pois, se consideravam brasileiros por cidadania e, como tal cumpridores de todos os seus deveres cívicos e políticos. A prova disso foram as guerras do Paraguai e Farroupilha quando muitos teutos se engajam ao lado dos imperiais. Mas, sua nacionalidade alemã era mantida pela escola alemã, pela imprensa, as sociedades, a igreja luterana (prossegue Seyfreth).

Para um alemão era possível construir uma *Heimat* para si no estrangeiro. Por exemplo, o *Heimat* de um teuto-brasileiro nascido em Blumenau era para ele essa

cidade e será um *Heimat* a cerca de sua cultura especificamente germânica. Pela utilização de língua germânica e pela evocação da paisagem brasileira de uma canção (lied).

Não só o grupo alemão recebia ataques das elites republicanas. Poloneses, japoneses, russos, italianos também recebiam esses ataques. De todos os grupos o alemão era o mais organizado, porém, o grupo japonês não ficava atrás.

Para as autoridades, cinquenta anos de Republica irresponsável e alguns anos de descuido do Império permitiram que os núcleos de colonização estrangeira se transformassem em verdadeiros “quistos raciais”; ameaçadores de nossa sociedade de nossa soberania, centros de divulgação e irradiação de ideais alienígenas. (BETHLEN, 1993: 11, at SEYFRETY).

A desqualificação dos colonos se faz igualmente, por critérios que nada tem a ver com a etnicidade. Em um texto da época a mulher polonesa e ignorante feudal, inconsciente, seja uma retórica nacionalista contra um dos meios de transporte usado pelos colonos, após exaustiva descrição do mau estado das estradas do Paraná e S.C. “a carroça polaca, brutalmente pesada e não se abalam por nada nesse mundo, que é a verdadeira responsável pelo estrago dessas estradas de barro e com pouca ou nenhuma conservação”. (BETHLEN 1939: 118. cit SEYFRETY)

“A tal carroça polaca e descrita detalhadamente com o adjetivo “pitoresca e suja” “pesada e baixa” pechorenta e calma”. “Um mínimo de carga”, “obstáculo perigoso”.

Porque atrapalha o transito de automóveis e seus condutores e não se abalam por nada nesse mundo. No Paraná elas existem aos milhares invadem mesmo o maior centro do Estado Curitiba. Estas num contraste chocante, passam na fleuma extra e indiferente ao tempo. (BETHLEN, 1930; 120 cit. Seyfrety). Estes trechos fazem parte de um livro escrito pelo tenente Hugo Bethlen publicado em 1939. (cit. Seyfrety)

Também poderia se pensar em Lusitanismo em que Portugal também dissesse que todos os brasileiros que aqui nasceram também fossem portugueses por cidadania, e brasileiros por nascimento. O que na prática não chega a acontecer. Também nisso existe uma grande diferença, não haveria de parte dos portugueses o desejo de ficar na nova terra, pois, para eles em grande parte o desejo era enriquecer e voltar para sua terra

de origem. De forma diferente os alemães que aqui chegaram vieram para ficar. Um local onde iria construir um novo lar uma família

Na avaliação do grupo germânico, os luso-brasileiros detinham um poder exacerbado e achavam injusto que pelo “acaso” de terem descoberto esse país e vivendo nele sozinho durante 500 anos, em companhia de índios e negros e lhes era negada a cidadania. O direito de impregir à sua norma de existência a todos os habitantes do Brasil

O colono alemão desde o princípio foi obrigado a realizar trabalho físico, no qual todos os membros da família inclusive mulheres e crianças. Como os filhos dos colonos descobriram a relutância da mulher brasileira em se dispor a trabalho físico, foram forçados a procurar esposas tão disposta ao trabalho como eles.

Daí o motivo porque a maior parte dos casamentos se faziam quase exclusivamente entre alemães ou pessoas de origem alemã ou mais raramente, como colonos poloneses e italianos, os quais também não tinham relutância ao trabalho ^[25]

A fidelidade e a participação nas construções do país estavam garantidos, segundo as os alemães pelo seu empenho ao trabalho, pelo cumprimento de deveres e pela obediência as leis brasileiras. Isso levou a que eles acusassem os luso-brasileiros de um patriotismo de palavras. Ao contrário de parte deles se consideravam mais patriotas, e em muitos casos mais comprometidos com o Brasil do que o luso-brasileiro ^[26]

3.1.3) A influência da Igreja nas escolas étnicas: o poder que tinham sobre o estado Novo.

O Estado controlava soberanamente a escola, mas a Igreja escapava a sua fiscalização porque enquanto aquela emana do poder público, esta se considera divinamente inspirada.

Enquanto o poder público, com o intuito de nacionalizar procura ampliar o ensino da língua nacional, a Igreja prefere conservar a língua nacional familiar para facilitar a sua tarefa.

Até 1940, o governo não tinha conseguido colocar a língua nacional pela forte reação do clero. O governo temia complicar o problema aumentando ainda a questão religiosa.

Pensou-se inicialmente em substituir os padres estrangeiros por nacionais, mas não existiam padres brasileiros em número suficientes para substituí-los. Contrapunha-se o internacionalismo religioso. Parte do clero combatia o regime nazista, mas ao mesmo tempo, o culto a tradição alemã com os fundamentos de que na tradição reside o espírito de disciplina da gente de origem alemã. As redes das escolas estavam divididas entre a Igreja Católica, Evangélica Alemã (Sínodo Riograndese), a Igreja Evangélica Luterana Missouri e a Igreja Adventista Alemã.

Pelas fontes, as Igrejas Adventistas e Missouri mantinham praticamente o ensino em português e a evangélica em língua alemã. O contrário se dava na rede católica e a evangélica era a língua escolar era o alemão.

Algumas ensinavam o português. Além disso, possuíam suas escolas de formação de professores em São Leopoldo e Nova Hamburgo, centenas de escolas primárias e grande número de escolas secundárias.

O projeto do governo tinha caráter conservador, autoritário e excludente avesso a convivência pluralista diversificada. No Brasil a persistência de “quistos estrangeiros” aparecia mais como uma resultante do projeto liberal, quando os políticos se importavam mais com a manutenção de seus currais eleitorais do que com o verdadeiro sentido de nacionalidade. O projeto do Estado Novo valoriza a padronização cultural, eliminação de quaisquer outras formas de organização autônoma.

3.1.4) Prejuízos Educacionais para o Brasil.

Devido ao isolamento cultural, social nos locais de colonização acabam sendo criados “dialetos locais” que irão assimilar os dialetos dos locais de origem do imigrante

e unido palavras em português. A falta de comunicação com a terra de origem, fez com que o *Hochdeutsch* (alemão padrão) acabasse por ser esquecido. O único elo de ligação entre as famílias foi o dialeto regional e por necessidade acabou sendo incorporado ao dia a dia dos descendentes. Estes deram origem principalmente ao *Riograndeserhünrürk* e ao *Pomeranoplatt* falados na maioria dos locais de imigração.

Embora na prática existam aproximadamente cerca de 20 dialetos locais ou até mais em várias regiões das áreas de colonização. Isso sem contar os italianos, poloneses, japoneses e outras etnias, que ficaram isolados. Na prática, o governo do Estado Novo ao invés de conseguir colocar o idioma nacional como referencia acabou por aumentar ainda mais a quantidade de línguas faladas no país.

Aumentou o analfabetismo nas regiões de colonização, pois, não conseguiu abrir escolas em número suficiente e não havia professores que se interessassem em ir para o interior, também uma grande diferença entre os salários dos professores teuto e dos professores brasileiros era bem marcante. Também um outro problema ocorreu quando da entrada da FEB na guerra, se precisou de descendentes que falassem o alemão nos campos da Itália e deve-se frisar que muitos teutos originários de quistos étnicos foram heróis nos campos da combate da Itália.

Segundo Cleo V. Allenhofen, o bloqueio levou a que:

1º Impediu o acesso ao ensino do alemão padrão e ao desenvolvimento de uma cultura letrada, em curso nessa língua.

2º Exigiu o ensino exclusivo em língua português, sem dar as condições necessárias para tal.

3] Obrigou a população áloctana a optar pelo silêncio e a variedade dialetal que restou como ,único elo de comunicação entre os membros do grupo.

Durante, o período compreendido entre 1917 e 1942 foram criados inúmeros decretos leis, cada um procurava limitar e restringir qualquer coisa que não fosse escrita ou falada em língua nacional. Eram decretos que eram criados da noite para o dia.

Este refugio, no dialeto local dos imigrantes contribui antes por manter por bom período de tempo, a língua do imigrante produzindo, portanto um efeito contrário do desejado pelas leis de nacionalização.

No que diz respeito aos imigrantes por volta de 1830, entre os políticos do Império uma preocupação com a assimilação ou adoção do português como língua oficial (WILLIAMS, 1980, p.46). Porém na prática, não são criadas condições e escolas para tal.

Os governos da República após 1889, adotam medidas mais concretas como o abasileiramento segundo Dethaes Guenther (1980, p.163), os topônimos da língua do imigrante (ex. Nova Pádua irá tornar-se Flores da Cunha). A velha tese romântica de um país de uma única língua, que fez tantos estragos em nome da pureza lingüística e de construção dos estados nacionais na verdade permanece forte nas relações sociais dessas comunidades. (OLIVEIRA,2000). A outra consequência imediata foi o aumento do nível de analfabetismo nessas regiões. Embora, o discurso do Estado Novo e o Ministério Capanema se esforçassem para diminui-lo.

Os recursos nunca chegavam e em muitos locais que eram escolas étnicas foram transformados em públicas, porém, permaneceram fechadas, pois, anteriormente os agentes do Governo confiscaram ou destruíram os equipamentos didáticos e que não foram substituídos. Existem ofícios dos interventores locais pedindo recursos para abrirem as escolas o que não foram atendidos. Enfim, o estrago em um país que por tradição agrária a educação não era prioridade novamente se repete. Acabou-se por não se falar em alemão e nem em português.

4) ANEXOS:

Alguns Decretos do Processo de Nacionalização.

4.1) Em Santa Catarina, portanto anterior a 1938.

Decreto-lei nº13.041 de 4 maio de 1918. Criação da Inspetoria Federal das Escolas fiscalizadas pela União.

Decreto-lei nº35 de 13 de novembro de 1938 proíbe o uso de nomes estrangeiros em redes e nos estabelecimentos escolares que recebam auxílio, a favor do Estado ou Municípios.

Decreto-lei nº124 de 18 de junho de 1938. Criação da Inspetoria Geral das Escolas e nacionalização do ensino.

4.1.1) No País.

Decreto-lei nº88 de 31 de março de 1938 e o Decreto-lei nº301 de 24 de fevereiro de 1939. Que foram os instrumentos legais que abriram as portas para novos decretos.

Decreto-lei nº406 de 4 de maio de 1938. Lei de Nacionalização ingresso e permanência de estrangeiros e cria o Conselho de Imigração. E exigido o uso da língua nacional.

Decreto-lei nº868 de 18 de novembro de 1938. Esta criada com o fim de neutralizar o ensino primário nas escolas estrangeiras.

Decreto-lei nº948 de 13 de dezembro de 1938. Admite que as dificuldades sejam complexas e exige a assimilação desses grupos e pede a colaboração de vários órgãos da administração pública com medidas capazes de promover a completa nacionalização dos filhos de estrangeiros e que suas ações fossem comandadas pelo Conselho de Imigração e Colonização.

Decreto-lei nº1006 de 10 de dezembro de 1938. Censura a todos os livros usados na rede elementar e segundo grau, o mais importante que regulariza a distribuição e produção do livro didático.

Decreto-lei nº1545 de 5 de agosto de 1938. Exige a construção de escolas públicas nas áreas de colonização, Institui as Secretárias Estaduais de Educação.

Decreto-lei nº2072 de 8 de maio de 1940. Criando a juventude Brasileira (aos moldes da juventude fascista e nazista)

Decreto-lei nº3580. Proíbe a exportação de livros em língua estrangeira como sua impressão em território brasileiro em outro idioma que não o português. (DALBURG, 1969, p.199-202)

Decreto-lei 2757 de 17 de novembro de 1942. Programa de música e canto orfeônico (aos moldes das escolas étnicas).

Decreto-lei nº7614 de 12 de dezembro de 1938. Só poderão existir escolas primárias em língua portuguesa.

4.1.2) Palavras de Getúlio em Blumenau

A palavra do Presidente Vargas em Blumenau

Getúlio Dornelles Vargas - 20/03/2004 01:27:50

O presidente Getúlio Vargas, agradecendo a homenagem que lhe foi tributada em Blumenau, pronunciou o seguinte discurso, no Teatro Carlos Gomes:

Não posso deixar de manifestar a minha surpresa e a minha admiração ao penetrar num município como Blumenau, situado no âmago da região colonial e um daqueles a respeito dos quais se dizia que a língua portuguesa era desconhecida e os sentimentos de brasilidade jaziam amortecidos.

Tive exatamente a sensação do contrário. Notei, por toda parte, o entusiasmo espontâneo e luminoso, o sentimento de fraternidade brasileira e de amor à nossa terra, o desejo intenso de viver a nossa vida, como brasileiros. Tal transformação, que a ninguém seria lícito obscurecer, a testemunhei por toda parte, demonstrada quer nos homens adultos e válidos, como nos moços e crianças – sobretudo nas crianças que me rodeavam em bandos álcres e que tinham, na profundidade dos olhos azuis e nos acenos cheios de carinho, a efusão equivocada do sentimento que lhes ia n'alma, enquanto suas cabecinhas douradas ao sol pareciam um trigo maduro. Tive a impressão ao vê-las de uma geração nova do Brasil, que se erguia.

Este município, um dos menores do Estado, com mil e tantos quilômetros quadrados de superfície, tem mais de 50.000 habitantes, mais de 300 fábricas e uma população operária superior a 12.000 pessoas. Esta capacidade de produção e este desenvolvimento progressista demonstram evidentemente que as correntes imigratórias selecionadas fortalecem a organização nacional, contribuindo com a sua colaboração sadia para o engrandecimento do país. (Palmas).

Há noventa anos passados chegava no vale do Itajaí a primeira colônia de povoadores alemães. No vale deserto, no meio de imensas florestas, foram deixados ao abandono. Derrubaram em seguida a floresta, lavraram a terra, lançaram a semente, construíram suas casas, formaram as lavouras e ergueram o edifício de sua prosperidade.

Dir-se-á que custaram muito a assimilar-se à sociedade nacional, a falar a nossa língua. Mas a culpa não foi deles, a culpa foi dos governos que os deixaram isolados na mata, em grandes núcleos, sem comunicações. Aquilo que os colonos de então pediam era o binômio de cuja resultante deveria sair a sua prosperidade. Só pediam duas coisas: escolas e estradas, estradas e escolas. (Palmas.) (muito bem).

Estradas para que o produto do seu trabalho pudesse ser transportado para os mercados de consumo; para terem a certeza e a confiança de que aquilo que produziam não ficaria em abandono. Pediam estradas para afim de que, através delas, se carresse a sua riqueza, produto de seu labor. Pediam escolas, afim de que seus filhos, nascidos no Brasil, que aqui, pela primeira vez, abriram maravilhados os olhos à luz, que é o primeiro amor da vida, procurassem, ao mesmo tempo, harmonizar o seu desdobramento com a natureza que os rodeava mediante a articulação que devia identificá-los no meio em que surgiam. No entanto, a população que prosperava isolada, devido somente ao seu próprio esforço, só tinha uma impressão da existência do governo: era quando este se aproximava dela como algoz para cobrar-lhes impostos, ou como mendigo para solicitar-lhe o voto. (Muito bem). (Aplausos prolongados).

O Governo que se aproximava para solicitar votos perdia a respeitabilidade, porque vivia de transigências. E, a troco desses votos, não vacilava em desprezar os próprios interesses de nacionalidade. (Palmas).

Hoje, as coisas mudaram. Os próprios partidos políticos, então simples agremiações regionais, sem finalidades nacionais, foram dissolvidos. O Governo já não se aproxima dos colonos para pedir-lhes votos; o Governo tem por eles sentimentos paternais, e que deles só se aproxima para ampará-los, para dar-lhes justiça, para garantir-lhes o trabalho e a tranquilidade, para desenvolver a sua economia, para aumentar a sua riqueza. (Palmas).

Si o Governo dissolveu os partidos políticos porque era força que encerrava sua atividade nos limites dos Estados, não poderia permitir, também, que elementos estranhos, vindos de fora, procurassem perturbar a tranquilidade das populações coloniais, tratando arrastá-las e organizá-las para o exercício de atividades contrárias aos interesses da Pátria. Assim como as conveniências da política regionalista não podiam prevalecer, por isso que eram impostas contra a vontade do povo, do mesmo modo os agentes forasteiros não

poderiam constanger a população colonial, a qual, por suas inclinações e pelas tradições de sua vida, é genuinamente brasileira! (Palmas).

Hoje, compreendeis, perfeitamente, o alcance destas medidas. Os países da Europa estão em guerra, e as mais cultas civilizações procuram, mutuamente, se entre destruir. Nós apenas lamentamos esses acontecimentos, mas, de qualquer forma, não tomamos parte nas suas lutas.

O Brasil não é inglês nem alemão. E' um país soberano que faz respeitar as suas leis e defende os seus interesses. O Brasil é brasileiro (Aplausos gerais).

Agora, esta população, de origem colonial, que há tantos anos exerce sua atividade no seio da nossa terra, constituída de filhos e netos dos primitivos povoadores, é brasileira. Aqui todos são brasileiros, porque nasceram no Brasil, porque aqui receberam a educação. O exército nacional também não pode ser indiferente á educação do elemento de procedência estranha. Nos países novos, as forças militares têm uma alta função educadora e nacionalizante. Pelos quartéis passam, todos os anos milhares de jovens que aprendem a servir o Brasil. Por isso, as forças militares estão, com justo título, colaborando eficientemente na grande obra da educação nacional. Mas ser brasileiro, não é somente respeitar as leis do Brasil e acatar as suas autoridades. Ser brasileiro é amar o Brasil. E' ter o sentimento que lhes permite dizer: "O Brasil nos deu o pão, mas nós lhe daremos o sangue." (Aplausos). E' ter o sentimento de brasilidade, pela dedicação, pelo afeto, pelo desejo de concorrer para a realização dessa grande obra, na qual todos são chamados a colaborar, porque só assim poderemos contribuir para a marcha ascensional da prosperidade e da grandeza da Pátria. (Muito bem. Aplausos).

Fonte: Diário oficial da União

Este conteúdo foi atualizado em: 20/03/2004 01:27:50 e acessado 608 vezes.

Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística

Rua Lauro Linhares, 2123 - Torre A - Sala 713

Trindade 88036-970 - Florianópolis/SC - Brasil

Fone/Fax: 55 48 3234 8056

e-mail: ipol@ipol.org.br

4.1.3) MEMORIAL DE FRANKFURT

Wolfgang Ratke

APRESENTAÇÃO

Sandino Hoff

Wolfgang Ratke (1571 - 1635) pertence à história da pedagogia como uma das mais importantes personalidades. Inaugurando a "nova arte de ensinar", 20 anos antes de Comênio, situa-se naquela demonstração sempre válida que o novo se introduz somente com muitas lutas, dificuldades e abnegações.

Algumas citações da vasta obra de Ratke poderão dar uma idéia básica sobre seu pensamento social e educacional. Começamos com a responsabilidade por ele atribuída ao Estado:

"O soberano deve ordenar que todas as crianças sejam instruídas principalmente na leitura, na escrita e no cálculo. Estes três ensinamentos formam a base de todo estudo sério e são absolutamente necessários à vida prática" (Tratado sobre as Funções do Soberano, cap. VII).

Em 1622, externa a opinião de que a educação da juventude pertence unicamente à autoridade superior política. Ao Estado não compete apenas a iniciativa de criar escolas mas também a responsabilidade da organização administrativa e pedagógica do ensino

A universalização do ensino, exposta em vários livros, encontra-se no "Tratado de Administração Escolar" em que Ratke adverte: *"A boa educação deve ser dada pelos pais e mestres da escola. Deus o ordena e a autoridade secular há de erigir escolas públicas". (Cap. XIX e VII).* Em "O Regulamento do Ensino de Köthen para o novo Método de Ensino", reafirma a mesma idéia: *"Todas as crianças, sem exceção, devem estar na escola" (Cap. II, art. 17).* Em "O Regulamento de Weimar", um regulamento escolar elaborado em 1619 por Kromayer, à base dos livros de Ratke, está prescrito:

"Todas as crianças, todos os jovens, devem com toda a seriedade serem mantidos na escola. Os pastores e os professores devem esforçar-se para que nas aldeias e nas cidades todos aprendam a ler, escrever e contar. É obrigação do Estado e dever de toda a comunidade" (Regulamento de Weimar, art. 16).

O compromisso com a escola era partilhado por todos. A chamada à escola era feita com os meios de comunicação mais eficientes da época: *"É dever do pastor anunciar do púlpito o início das aulas e citar o nome de todas as crianças em idade escolar" (Regulamento de Weimar, art. 1º).*

Ratke preocupou-se em dar efetivo encaminhamento à prática escolar, propondo que o soberano nomeasse uma delegação de quatro pessoas para assegurar o caminho regular da escola, pessoas julgadas as melhores, as mais sábias e as mais representativas da burguesia; estas controlavam as atividades escolares em todo o território e inspecionavam os serviços escolares da igreja. Por sua vez, deviam criar um

corpo de inspetores, recrutado entre os membros do Conselho ou da burguesia, tementes a Deus, afáveis, experimentados e possuindo senso público (V. Id., cap. IV).

Lutou a vida toda para explicar seu método, instalar prédios escolares, preparar professores e implementar sua arte de ensinar nas escolas. Após sua morte em 1635, seu projeto educacional não teve prosseguimento, embora alguns sábios, como Tomasius, Schupp e outros conhecessem a obra pedagógica e a tivessem utilizado em seus projetos de cultura nacional.

Na metade do século XVIII, a burguesia, quando entrou na luta pelo poder e quando, na Alemanha, tornaram-se vivas as forças progressistas, utilizou intensamente as concepções da pedagogia ratiuiana. Basedow foi o principal. Apareceram editadas algumas obras como a de Frank "Sobre Ratke e sua Arte de Ensinar" e a de Lindner "De Methodo Ratiuiana". Este atribuiu a não utilização da pedagogia de Ratke por muito tempo "aos incompreensíveis laços do conjunto dos homens com o velho". Quase todas as obras do pedagogo alemão continham na capa a figura da mitologia antiga em que Hércules levanta do chão o gigante Anteu porque este nutria suas forças em contato com o solo. A frase que acompanha a figura é: "*Ratio vicit, vetustas cessit*" (A razão venceu e o velho desapareceu).

Massmann, em 1827, merece atenção com seu livro "Wolfgang Ratke e sua Arte de Ensinar". Para ele, Ratke era um homem do povo, forte e decidido. "*Afiou o machado para cravá-lo na raiz do mecanismo da escolástica a fim de fazer nascer a semente das recentes forças livres*" (Massmann. Ap. Hohendorf, 1957, p. 10). Niemeyer, de 1850 a 1846, publicou "Comunicações sobre Wolfgang Ratke". Krause, em 1872, editou "Wolfgang Ratke à luz de suas cartas e como didático em Coethen e Magdeburgo", um livro tendencioso. Vogt apresenta excelente material de arquivo e torna conhecido o pedagogo entre 1876 e 1881. Nesse período, publica "Wolfgang Ratke, o precursor de Comênio". Com respeito a esta obra, escreve Hohendorf: "*Infelizmente, o autor não relaciona os escritos de Ratke com os movimentos progressistas de seu tempo. As lutas que Ratke susteve com as reações feudais e eclesiásticas também ficaram ausentes*" (Hohendorf, 1957, p. 11).

Em 1877, Mueller edita as obras que Ratke escreveu em Gotha. Em 1884, Ratke aparece nas páginas da enciclopédia pedagógica de Kehr; em 1894, na de Gressler "Os Clássicos da Pedagogia". A primeira edição dos "Escritos de Ratke" surge em 1892/93 na "Reimpressão dos Textos Pedagógicos", em dois pequenos volumes, apresentados por Stoetznner.

Como se percebe, a pedagogia de Ratke foi retomada principalmente à época dos sistemas nacionais de ensino que, na Alemanha, coincidiu com a unificação política. No século XX, porém, as edições de suas obras foram escasseando. Seiler editou alguns livros de Ratke, mas Comênio começou a ganhar terreno nas publicações. Israel escreve um tratado, comparando os dois mestres. Tem-se informações sobre alguns seminários que foram realizados na metade do século XX, mas a reedição de livros chama a atenção. Assim, em 1859, Ising edita o livro de 332 páginas, intitulado "Escritos de Wolfgang Ratke para a Gramática Alemã"; Hohendorf, em 1857, edita "A Nova Arte de Ensinar. Escritos Pedagógicos de Ratke". O livro de Rioux "L'Oeuvre Pédagogique de Wolfgang Ratichius", sai à luz na França, em 1963. Os três livros citados reeditam textos do pedagogo alemão, completando-se quase o conjunto da obra nesses três documentos. Em 1971, Hofmann edita alguns manuais didáticos compostos por Ratke, sob o título "O Texto Escolar de W. R.". Em 1974, Scheibe publica documentos educacionais do século XVI ao século XX, sob o título "Sobre a História da Escola Pública", em dois volumes, nos quais inclui o "Regulamento de Weimar" e o "Regulamento de Gotha", este elaborado por discípulos de Ratke, em 1642.

Por último, Schmidt reedita em 1994 o livro de Ratke "O Tratado da Ética para as Escolas Cristãs", apresentado pelo editor:

"O padrão ético de Ratke aparece ligado intimamente às atividades mercantis da cidade de Amsterdam. (...) No livro, colocam-se questões urgentes: Como, neste mundo é possível um comércio ético (isto é, livre comércio)? (...) O que se deve fazer para trazer à harmonia a consciência e o comércio exterior? De um lado, comportar-se conforme os desígnios de Deus e, de outro, executar tarefas e obrigações públicas que se desviam de concepções ligadas à tradição? A ética de Ratke é uma tentativa para dar resposta solícita e bem fundada a essas questões" (Schmidt, 1994, Pós-fácio, p. 398)

As propostas de reformas pedagógicas e políticas tiveram o objetivo de unificar a nação alemã. Sua vida transcorre em meio às lutas político-religiosas e durante a Guerra dos Trinta Anos, seqüência das lutas camponesas e da Reforma. As causas e, ao mesmo tempo, o fracasso do primeiro grande levante nacional do povo alemão foram a desunião das províncias autônomas. Enquanto se formavam as nações na Europa, o naufrágio das guerras camponesas aprofundou a desunião na Alemanha. A Reforma obteve êxito ao limitar o domínio de poder da igreja católica na Alemanha e ao quebrar sua hegemonia, mas quem colheu os frutos foram apenas os príncipes que aumentaram seu poder político e econômico e, com este aumento de soberania, resistiram às tentativas de criar um estado nacional alemão.

Após as guerras camponesas, a Alemanha diminuiu o poderio econômico. As rotas comerciais deslocaram-se em prejuízo das províncias de língua alemã. O comércio retrocedeu e a outrora poderosa Hansa desmoronou. O feudalismo começava a ser abolido na Europa Ocidental, mas consolidava-se especificamente nas províncias alemãs orientais. Isso significou retrocesso político e econômico. As províncias fizeram guerras para estender seus domínios, sob o pretexto religioso; isso colocava um freio ao desenvolvimento das forças produtivas da agricultura e do comércio.

Um movimento progressista só podia iniciar-se na Alemanha com muitas dificuldades sob as condições econômicas, em meados do século XVII. A luta política de Ratke contra os males da ordem feudal e contra o clero de confissões religiosas foi uma consciente rebelião contra as condições existentes, mas a realização de seus audaciosos planos foi condenada ao naufrágio. Não se fará aqui uma análise sobre o insucesso das principais idéias políticas de Ratke. Afirma-se, apenas, que ele estava na primeira fila dos combatentes.

Ratke nasceu em Holstein, em 1571. Filho de "honrados burgueses", como consta em sua certidão de nascimento, cursou a Universidade de Rostock. De 1603 a 1610 permaneceu em Amsterdam. Holanda, libertada do absolutismo espanhol, tornou-se em pouco tempo um Estado-nação burguês, sendo denominado por Marx como a nação modelo do capitalismo, no século XVII. (MARX, 1973, p. 791). Era também a nação que acolhia a ciência progressista e a cultura. Foi ali que criou a sua reforma da educação e da vida social.

De 1611 a 1612, Ratke permaneceu em Frankfurt e em Estrasburgo, cidades importantes, burguesas e livres. Ali parecia poder atuar com autonomia, mas não sentiu muito interesse e compreensão pela sua reforma educacional. Lança o Memorial de Frankfurt, o primeiro dos quase 30 escritos de sua obra.

Três pontos principais contém o Memorial.

O primeiro ponto trata de uma reforma global do ensino da língua. A língua materna, diz ele, deve ser erigida na língua das ciências e das artes. As estrangeiras só devem ser ensinadas após o aluno ter o domínio de sua própria língua. A secundarização do antigo domínio do latim significava também a subordinação do monopólio feudal-eclesiástico da cultura e a realização de uma global educação nacional.

O segundo ponto trata de introduzir um sistema educacional à base formativa de uma “escola alemã”. Essa escola deveria instruir todos os jovens, de ambos os sexos, nas ciências e nas artes.

O terceiro ponto refere-se à relação entre a educação e a sociedade. O Memorial promete um programa educacional em prol da unidade política, cultural e religiosa da Alemanha.

O manifesto despertou a atenção de muitos sábios e de alguns príncipes e professores. Apareceram, logo, os opositores, principalmente o clero de todas as confissões. Ratke obrigou-se a fazer um esclarecimento porque a Dieta do Império não aceitava as suas idéias, os fervorosos luteranos tradicionais colocaram-se contra o Memorial e os nobres não queriam uma educação para o povo.

A pedido de seu amigo Lippius e de alguns príncipes, Ratke torna pública uma segunda explicação, cinco dias depois. Os esclarecimentos sinalizam a enorme polêmica que causou o pequeno Memorial. Neles aparecem além de questões básicas já ventiladas acima, outras que seriam debatidas durante toda sua vida, como a unificação das religiões cristãs; as polêmicas entre as seitas, luteranismo, calvinismo e catolicismo; e a substituição, no ensino, de livros clássicos por livros escolares.

O Memorial não se coloca entre seus melhores escritos, mas foi o primeiro deles, a anunciar uma nova mentalidade política e educacional e foi o texto, embora pequeno, que provocou tantas polêmicas que cresceram e se alastraram por toda sua vida. Com o Memorial, em 1612, iniciaram-se, também, as lutas de Ratke para realizar seu projeto educacional e seu novo método de ensinar, as quais só terminaram em 1635, com sua morte. Teve que enfrentar adversários poderosos, prisão, incompreensões, ironias e insucessos. Para ele, o novo se introduzia com muita dificuldade. A razão estava vencendo, mas o velho ainda não havia desaparecido. Mantinha, no entanto, o seu primeiro lema: *Ratio vicit, vetustas cessit*. **Os outros dois lemas, várias vezes contidos em seus escritos, sustentaram-lhe as forças e as convicções: “Nenhuma criança sem escola” e “É fácil aprender”.**

MEMORIAL DE FRANKFURT - 7 de Maio de 1612, conforme o calendário do reino alemão.

Wolfgangus Ratichius, com a ajuda de Deus, para o bem do serviço de Deus e do conforto de toda a cristandade, dá a conhecer as orientações seguintes:

- como o hebreu, o grego, o latim e as demais línguas podem ser aprendidos em muito pouco tempo e de forma fácil, tanto pelos jovens como pelos velhos, ser mantidos e progressivamente propagados;
- como não somente em alto alemão mas também em todas as línguas do mundo, se pode preparar um ensino pelo qual todas as artes e todas as faculdades podem ser estudadas minuciosamente e difundidas;
- como, em todo o reino, podem ser introduzidos e confortavelmente conservados uma única língua, um governo uno e também uma só religião.

Posso comprová-lo, demonstrando-o através de exemplos aplicados à língua hebraica, latina, siríaca, árabe, grega, caldeia e ao alto-alemão. A partir desses exemplos, pode-se fazer basicamente uma idéia sobre toda a obra.

ESCLARECIMENTO

Em todas as escolas existentes no reino ocorre o uso geral de as artes e faculdades ministrarem em primeiro lugar a língua latina, depois o grego, a seguir, embora muito pouco, o hebreu, utilizando-se múltiplas lições e variados livros. Isso resulta em que a juventude é instruída à força e somente consegue aprender através de muita fadiga e muito labor.

Utilizam-se os seguintes principais recursos na aprendizagem da juventude: em primeiro lugar exige-se que aprendam de cor lições diversas e as repitam muitas vezes. Depois, é preciso aprender a verter o alemão para o latim, o latim para o grego etc. e, por fim, realizar cotidianamente muitos exercícios e tarefas práticas.

Tal uso e os recursos empregados devem ser não somente superados mas deve-se também demonstrar que são prejudiciais e produzem efeitos desconfortáveis. Embora tais meios sejam muito utilizados em nossa época, na realidade, ficam longe de se entender como são a ajuda de Deus e a sua verdade. Especificamente, esses recursos são contrários à natureza e à língua.

A correta utilização, seguindo o curso da natureza, indica que a cara juventude, em primeiro lugar, aprenda corretamente a língua materna que, para nós, é a língua alemã; aprenda a falar e escrever sua própria língua a fim de que possa entender melhor as outras. Para isso, o melhor meio é a bíblia.

A seguir, é preciso ministrar e fielmente aprender a língua hebraica porque é a mãe de todas as línguas e o berço da escritura santa.

Em terceiro lugar, a importância recai sobre a língua grega, a língua do Novo Testamento, a fim de que a cara juventude possa ler, entender e seguir a palavra e a vontade de Deus.

Em quarto lugar, deve-se aprender o latim com alegria e divertimento a partir das comédias de Terêncio. Nesta língua, pode-se estudar e entender melhor as leis (lura) a partir das Instituições de Justiniano.

São as quatro línguas principais. Delas nasceram quase todas as outras. Nessas quatro devem ser aprendidas e divulgadas todas as coisas. Tudo o que nelas aparece como honrado deve ser seguido em nível espiritual e temporal.

Quem, no entanto, tem a intenção de compreender mais e aprofundar os conhecimentos da bíblia, deve estudar a língua hebraica; para entender o Antigo Testamento, há de estudar a língua caldeia; e para compreender o Novo, deve estudar a língua siríaca.

Todas essas línguas - alemão, hebreu, caldeu, siríaco, grego e latim - podem ser ensinadas e propagadas com proveito a partir dos livros acima nomeados. Quando, porém, se estuda a gramática numa língua, através de um método uniforme, como eu estou orientando, então também as outras línguas devem ter o mesmo formato. Dessa forma, não haverá nenhuma dificuldade no aprendizado.

Aqui deve-se compreender que as artes e as faculdades não estão ligadas a nenhuma dessas línguas e estas não estão ligadas propriamente a nenhuma daquelas. Os caros alemães de nosso tempo dispõem - Deus seja louvado! - não somente da luz natural mas também dos Evangelhos que são o verdadeiro conhecimento de Deus. Assim, o que falta nos livros e nos homens sábios pode ser agora anunciado plenamente nas escolas de alto-alemão. Isso melhora e eleva a língua alemã e a nação. Doravante, o filósofo pode ensinar sua filosofia em língua pátria, o que fazia antes em latim e grego. Deve descobrir um vocabulário para redigir seus temas nessa língua e criar termos que definem ordenadamente as artes a fim de que possam ser utilizados adequadamente.

Os estudantes de direito, provenientes de toda parte, podem aprender em língua alemã e estudar nessa mesma língua o Corpus Iuris elaborado conforme a palavra de Deus e eliminar tudo o que é conservado no Império e é contra a justiça.

Também o médico pode cuidar do corpo e curá-lo, utilizando o conhecimento em língua alemã, um conhecimento atualmente contido, em grande parte, em grego e árabe. Ele não consegue decifrar o conteúdo porque, muitas vezes, não tem acesso à maior parte dessas línguas.

Os teólogos também não terão muitas disputas se a palavra de Deus for interpretada somente conforme a palavra de Deus e não através de opiniões, como costumam agir os ateus e os amaldiçoados neste mundo insensato. Pois, se velhos e crianças, jovens e adultos, mulheres e homens conversarem pessoalmente com Deus, lerem e compreenderem a sagrada escritura em língua hebraica e grega, tão facilmente ninguém os enganará e nada de estranho os seduzirá. Quando forem suspensas as polêmicas e as glosas sobre a bíblia, então o velho ensino católico e apostólico poderá permanecer límpido, sem ser falsificado, puro e único, em todo o reino e poderá ser mantido em paz.

Todas essas coisas, porém, não se deixam facilmente explicar num escrito rápido. Estou decidido a tornar possível um informe a todos os que gostam da verdade, sem me referir a uma única religião. Será um informe aprofundado e verbal dentro de minhas modestas possibilidades. Iniciarei, assim, uma obra para o bem da nação alemã a qual conduzirá à reconciliação com Deus. Isso quando eu confeccionar os manuais e tiver o apoio de colaboradores.

INFORME BÁSICO E CONSISTENTE SOBRE MEU MEMORIAL

De 17 de maio de 1612 do calendário gregoriano, redigido e apresentado conforme o desejo de altas personalidades, a fim de impedir qualquer falsa interpretação facciosa.

Inicialmente, não pude dar uma orientação sobre cada medida, aspecto e ponto de meu projeto global. Não que eu vá assumir sozinho uma tal tarefa imensa e executá-la. Só posso expressar melhor o que pretendo realizar, conforme expus no Memorial, quando puder obter a ajuda do reino para a confecção de manuais e colaboradores.

Quando escrevi que as línguas mencionadas podem ser ensinadas em curto espaço de tempo, este julgamento não é absoluto. É preciso interpretá-lo em relação ao que se pratica atualmente e levar em consideração duas palavras: aprender e propagar. De outro lado, deve-se observar que meu ensino de cada língua (quero dizer que isso ainda não está sendo feito no ensino das escolas atuais) permite não somente uma aprendizagem fácil, mas que o próprio aluno pode dar continuidade a seus estudos a partir de minha orientação. Em todo caso, nesse domínio como em outros, a aprendizagem durante toda vida humana não basta para se chegar à perfeição.

Em relação a um outro ponto, exatamente como as artes e as faculdades podem ser traduzidas e ensinadas em todas as línguas, há que se admitir que as artes liberais, conforme sua arte e sua propriedade, podem ser expostas mais clara e compreensivelmente e com maior gosto numa língua mais do que em outra. Por isso, é preciso que, para o alto alemão, haja uma maior investigação e uma maior exame a fim de que o ensino se torne mais agradável e mais barato. Aquele a quem, entretanto, tal obra alta e significativa causar obstáculos, deve com razão ser avaliado a partir de seu empenho e do sucesso apresentado em seu empreendimento.

O terceiro ponto consiste em três partes. A primeira trata como introduzir tranquilamente no reino uma língua unitária, isto é, como podem se habituar ao alto alemão os saxões, francos, suábios, turíngios, etc. e unanimemente podem utilizá-la. Isso eu pretendo alcançar através das escolas alemãs.

Para conservar a majestade e o desenvolvimento do reino e da nação, é necessário empregar a língua alemã. Assim também na Câmara Imperial e nas instâncias de justiça deve ser utilizada a língua alemã de Lutero. Todos os alemães devem amá-la porque a Bíblia foi traduzida por Lutero nessa língua. Já existem livros e obras que foram traduzidas para o alto alemão. Nós podemos fazer valer nossa língua. Os povos estrangeiros divulgam sua língua materna quanto podem. Alguns deles servem-se para apresentar as artes liberais. Enfim, os embaixadores estrangeiros servem-se de sua própria língua materna para se expressarem com mais segurança.

É preciso introduzir no reino uma polícia e uma administração unificadas, fazer validar um Corpus Iuris em que se eliminem os textos atualmente inúteis e fazer desaparecer os abusos inumeráveis num ou noutro domínio, conforme a direção dada pela escritura santa que recomenda a justiça.

Trata-se, também, de manter uma religião unificada. Querer unificar as religiões contrárias e compará-las não significa cultivar uma atitude condenável e anti-cristã, mas significa demonstrar o erro e a ilusão da astuciosa pretensão do Interim de Regensburg ou incorrer no erro dos recentes teólogos de Heidelberg que, como outros pretensos sábios, têm a audácia de conciliar a luz e a obscuridade, Cristo e Belial. Quero dar os meios que permitem o quanto possível, demolir, com a graça de Deus, os papistas,

calvinistas, arianos, schwenkeldienst e anabatistas. Quero introduzir um meio que permita elevar a palavra de Deus, a pura, verdadeira e apostólica religião luterana, de forma eficaz a fim de preservá-la e fazê-la prosperar.

Entre esses meios é preciso preparar aqueles que mantêm um pensamento firme contra os inimigos da religião e contra todos seus adversários: o importante é que, na instrução dos jovens, não devem mais ocorrer análises e explicações originadas dos santos padres da igreja ou de outros teólogos mas somente uma explicação autêntica da escritura santa. O temor e o respeito a Deus fazem alcançar este fim principalmente quando se tem adesão total a Ele. Por isso é preciso conhecer as línguas e através delas, o Antigo e Novo Testamento. Por meio deste estudo, encontrar-se-ão não mais do que duas ou três normas simples de litúrgia com os papistas.

Os clássicos escritos dos santos padres e dos teólogos daqui para frente não serão mais admitidos se eles não concordam com a palavra de Deus. Assim, é preciso realizar o exame crítico desses escritos e de seus comentários antes de utilizá-los. É preciso corrigir os erros em cada língua e na maioria dos exemplares. É preciso utilizar obras especificamente úteis, como as de Lutero, Brenz(ius), Jacob Andrea, Chemit(ius), Hunn(ius), Felipe Nicolai, etc. e de outros mestres que têm clareza nos seus escritos. Se estas obras forem utilizadas no momento oportuno, serão muito úteis. O dom de explicar a palavra de Deus, em acordo com a escritura santa, difere para cada um, mas o Espírito Santo dotou cada servo seu de qualidades particulares.

O que se encontra quase ao final do Memorial com respeito a saber qual é o recurso da língua hebraica, onde se afirma que se pode conversar com Deus, pode haver ali uma palavra que dê uma idéia capciosa, mas ali está a minha opinião e não outra. Isso se afirma porque se pode compreender a natureza de Deus e sua vontade nas línguas nas quais Deus se manifestou e se explicou por intermédio dos profetas e dos apóstolos, melhor do que na tradução dessas línguas. Deus conhece tanto uma como qualquer outra língua; para nós é mais importante conhecer sua palavra com mais precisão e agudeza tanto nas suas qualidades quanto nas suas propriedades. Assim, a língua grega e a hebraica são melhores do que sua tradução em outra língua.

O que escrevi sobre jovens e velhos, quero dizer que não faço diferença entre eles. Para ambos é fácil aprender. Não foi possível discorrer sobre cada caso em particular na apresentação do Memorial, mas desde que se tenham à mão, como se deseja pessoas de confiança, pessoas sábias na religião pura ensinada em língua alemã, poder-se-á fazer a explicação em formas mais acessíveis e mais claras. Os meus meios de ensinar incluem menos horas de estudo e tempo mais curto para a aprendizagem. Conforme minha vontade é que as pessoas entendam com mais clareza meus pontos e minha forma de ensinar a religião e a língua alemã. Estou ansioso para começar a ensinar os corações cristãos, principalmente os que estão inclinados ao mal a fim de que tenham uma interpretação melhor da palavra e entendam o que não sabiam antes e evitem de ouvir interpretações estranhas. Os que, infelizmente, estão abandonados neste mundo cruel e os que são ateus, trabalham para que possam encontrar o ponto de apoio e se converter. Por isso, estou realizando esta tarefa.

Sem uma escola perfeita em alto alemão, a língua e a nação alemãs não podem ser desenvolvidas e melhoradas. Àqueles que poderiam incorrer em erro e se enganar, deve-se mostrar a arte de aprender corretamente as línguas e trazer à luz a gramática e livros que seguem o curso da natureza.

Quanto aos pontos que restam explicar devem as pessoas aconselhar-se com pessoas sábias que lhes explicarão tudo o que é necessário.

Que Deus todo poderoso confirme a boa obra realizada por amor de seu nome, para honra e glória e para louvor de melhoria de toda a cristandade e particularmente para a elevação de nossa querida pátria, a nação alemã, pela vontade de seu Filho muito amado, Jesus Cristo. Amém. Wolfgang Ratichius.

(O Memorial foi traduzido do texto alemão que se encontra no livro de Hohendorf "Die Neue Lehrart. Paedagogische Schriften Wolfgang Ratkes" (A Nova Arte de Ensinar. Textos Pedagógicos de W. R.), Berlin, coleção Zerbster Ratichiana, C. 18, nº 33, p.49-56).

4.1.4) FOTOS DA EPOCA

4.1.4.1) Desfile da juventude brasileira em ban

Curtitiba para Capanema em 1943.



4.1.4.2) Solenidade: Queima das deiras. Instituto de Educação RJ



4.1.4.3) Convés da Galera Holandesa
Company Patie dezembro de 1825



4.1.4.4) Escola Luterana em Cachoeira
do Sul em 3 de julho de 1893



4.1.4.7) Primeira escola Dominical em
Getúlio
Blumenau



4.1.4.8) Foto de propaganda de



4.1.4.9) Passaporte de imigrante alemão anterior à 1870



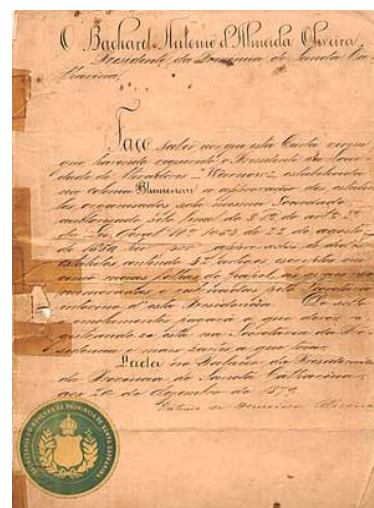
4.1.4.10) foto de Zeppelin em São Leopoldo em 1934.



4.1.4.11) Quadro de Ernest Zeuner sobre a chegada dos primeiros Imigrantes em São Leopoldo dez.

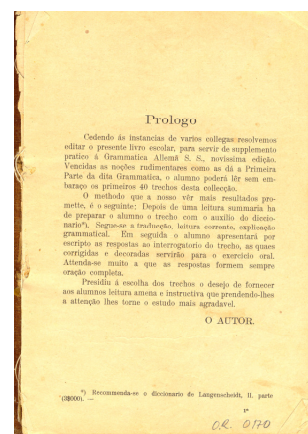
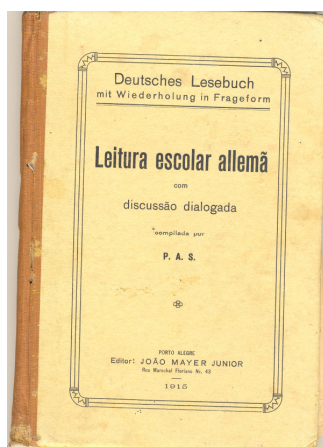


4.1.4.12) Registro do Documento de atiradores Warnow em 20 de dez. de 1879.

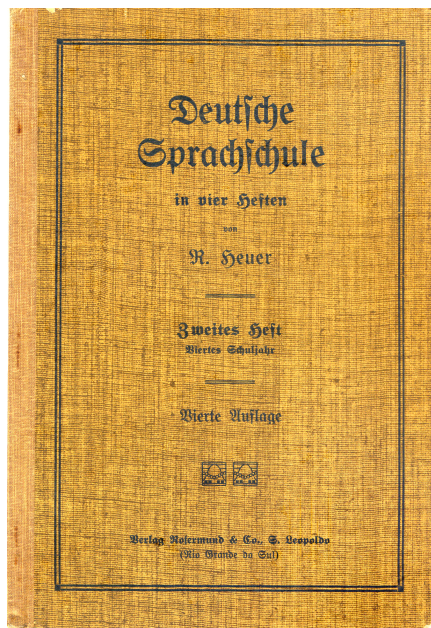


4.1.4.13) Deutsches Lesebuch mit Wiederholung in Frageform, título: Leitura escolar alemã com discussão dialogada, compilada por P. A. S., Porto Alegre, Editor: João Mayer Junior Rua marechal Floriano n 43 - Ano: 1915.

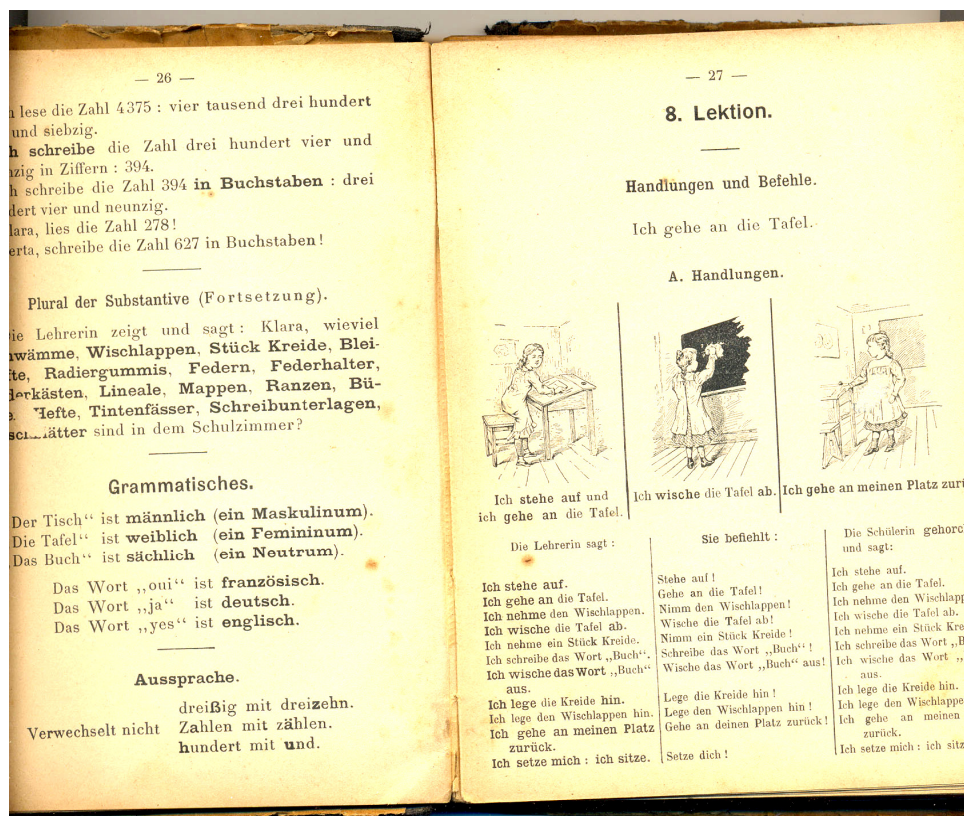
O código de classificação deste livro é: **OR 0170**. Colab. arquivohistorico.fic (arquivohistorico.fic@terra.com.br) Blumenau /s.c



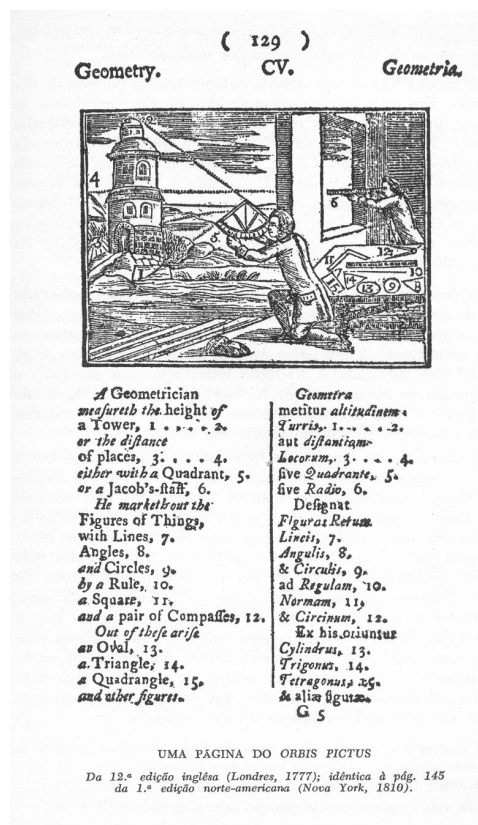
4.1.4.14) São Leopoldo - Rio Grande do Sul, contém 78 páginas. Descrição: Linguística - Treinamento na leitura alemã. Código de classificação da Obra Rara: OR 0171. Colab. arquivohistorico.fic (arquivohistorico.fic@terra.com.br)Blumenau



Inhaltsverzeichnis.		Seite
I. Vortlesung.		
1) Das Hauptwort, substantivum	1	
2) Das Geschlecht, definitum	7	
3) Das Eigenschaftswort, adjectivum	18	
4) Das Zahlwort	15	
5) Das persönliche Fürwort, pronomen personale	15	
6) Das besitzanzeigende Fürwort, pronomen possessivum	15	
7) Das demonstrative Fürwort, pronomen demonstrativum	15	
8) Das Relativum, verbum	19	
9) Das Infinitivum, Infinitiv und harte Konjugation	23	
10) Das Partizipium, participium	30	
11) Das Verbum, verbum	37	
II. Satzeslehre.		
1) Subjekt und Prädikat	40	
2) Der erweiterte einfache Satz	42	
3) Der Satz	42	
4) Der Satz	42	
5) Mehrfache Schwingung	45	
6) Der zusammengesetzte Satz	47	
III. Wortbildung.		
1) Nach- und Vorfügen	49	
2) Das zusammengesetzte Substantiv	51	
3) Abgeleitete Substantive	52	
4) Einige unregelmäßige Wortformen	53	
5) Fremdwörter	54	
IV. Rechtschreibung.		
1) Die Schreibung	55	
2) Gleich und ähnlich klingende Wörter	57	
3) Wörter mit großen Anfangsbuchstaben	58	
4) Der Buchstabenwechsel, apostrophe	59	
5) Abkürzungen	60	
6) Gleich und ähnlich klingende Laute	60	
7) Schwierige Verbindung der Konsonanten	62	
V. Zeichensetzung.		
1) Der Punkt	70	
2) Das Fragezeichen	70	
3) Die Ausrufezeichen	70	
4) Die Klammer	71	
5) Bezugs- und Hervorhebungszeichen	71	
6) Einleitende Worte, Komma	72	
7) Aufzählung und der Aufzählungszeichen	72	
VI. Stoffe für Aufschreibungen.		
	76	



4.1.4.15) Ensino de Geometria



4.1.4.16) Brasão da Companhia de navegação Germanischer Lloyd 1867

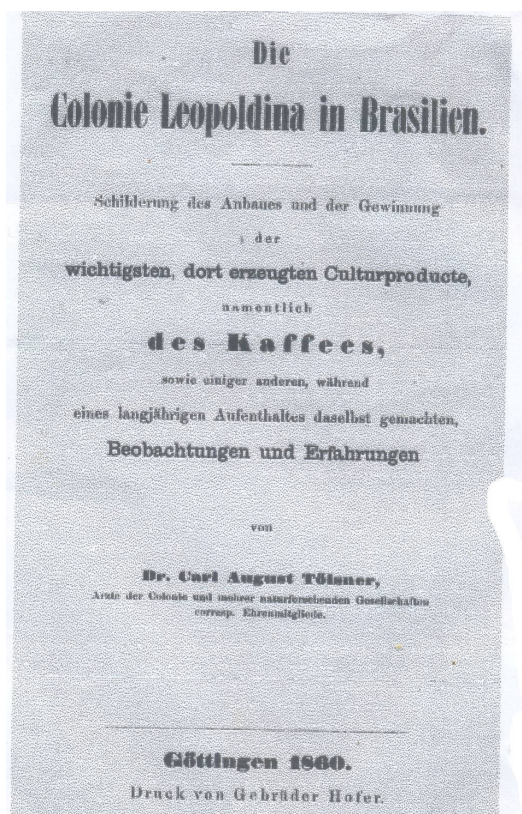


4.4.4.18) Xilogravura de instrução nas escolas protestantes século XVI



Instrução catequética nas escolas protestantes. (De uma gravura alemã em madeira, datada do séc. XVI.)

4.1.4.19) Livro sobre a Colônia Leopoldina na Bahia em 1818.



4.1.4.20) Famílias Alemãs indo a missa Blumenau 1866



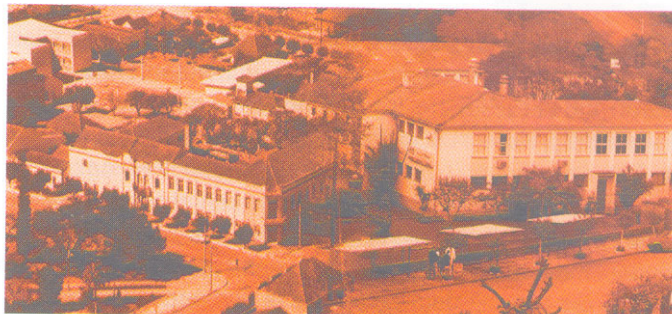
4.1.4.21) Ofício Religioso (primórdios) em São Leopoldo



4.1.4.21) Escola Comunitária em São Leopoldo (1886)



4.1.4.22) Colégio São Luis em 1868.(Mauá Rio Grande do Sul)



Colégio Mauá

4.1.4.23) Escola Alemã/Deutsche Schule 1868



Escola Alemã/Deutsche Schule, 1868

4.1.4.24) Escola evangélica / Evangelische Schule 1898



Aula Evangélica/Evangelische Schule — 1898

4.1.4.25) Sociedade de atiradores Teuto-Brasileira Santa Cruz do Sul Schützen-Verein
1890



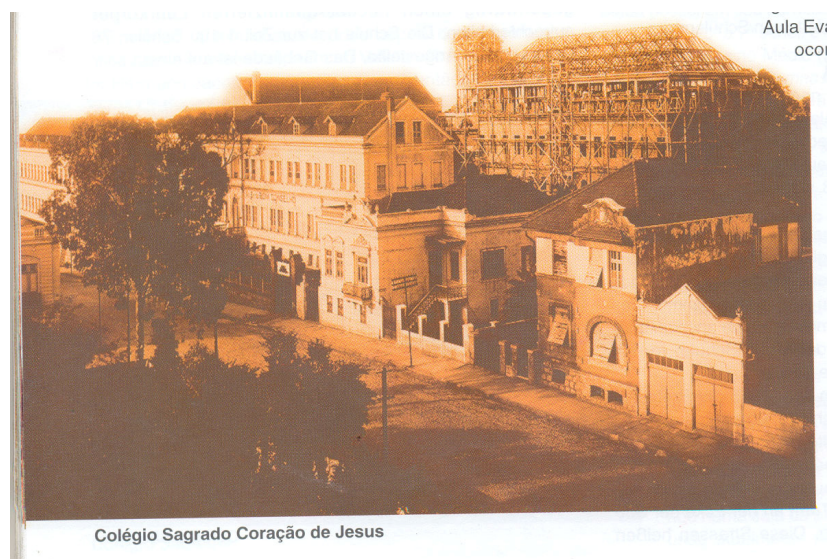
Sociedade de Atiradores Teuto-Brasileira — Linha Santa Cruz/Deutsch-Brasil. Schützen-Verein, 1890

4.1.4.26) Sociedade de cantores Frohsinn e Harmonia. Rio Parinho (1890).



Sociedades de cantores Frohsinn e Harmonia —
Rio Pardinho (1890)/Gesangsvereine Frohsinn und Harmonia

4.1.4.27) Colégio Sagrado Coração de Jesus São Leopoldo 1872



5) CONCLUSÃO.

Muitas palavras caracterizam a trajetória dos imigrantes no Brasil, no século XIX independentes de sua origem étnica foram abandonados a sua própria sorte. Sabe-se, que a questão do imigrante branco tinha caráter ideológico como à idéia de purificar a raça brasileira e geopoliticamente com o objetivo de povoar as fronteiras. Anteriormente, tinha sido tentada a imigração com açorianos sem o sucesso esperado. Estes não se adaptaram as condições da agricultura indo se dedicarem ao comercio e muitos virando mascates.

Também precisamos considerar que os alemães sempre estiveram ligados a história de Portugal e também porque d. Pedro I tinha se casado com um princesa de origem austríaca.

Quando chegam depois de uma viagem nada agradável nada encontram ao chegarem. Terras, inóspitas, estranhas, lotes sem demarcação, e principalmente algo que trazem na bagagem uma tradição de mais de três séculos que é a escola. Não a

encontrando pressionam o governo que os permite que as construam. O que talvez o governo não esperasse e que dessem certo. Com o tempo esses estrangeiros começam a causar medo às elites que estão no poder. Foram em torno de 2000 escolas sem contar as não oficiais laicas e as localizadas em outros estados.

Esses imigrantes foram perseguidos não falavam uma língua latina não eram católicos na sua maioria.

Ao contrário os italianos, se adaptaram com mais facilidade, mas também foram perseguidos. O governo de Getúlio na realidade perseguia a todos aqueles que ele achava que eram contra ele. Também não podemos deixar de apesar disso, ele tem feito reformas importantes no país embora essas reformas e algumas concessões atendessem a objetivos específicos da velha elite brasileira. Também precisamos analisar o contexto histórico em que o mundo estava envolvido na época antes de julgamos o que aconteceu.

Durante o período 1824 e 1938 foi criada uma enorme rede de escolas coordenadas principalmente pelas igrejas luteranas e católicas, embora mais tarde tenham chegado outras denominações ao Brasil.

Havia entre os alemães uma vontade férrea de vencer, a iniciativa a disciplina e claro que outros imigrantes também lutaram e conseguiram vencer. A diferença é que o imigrante alemão principalmente, colocava a escola como algo primordial em sua vida.

Com a nacionalização forçada, escolas chegam a ter seus materiais didáticos confiscados, ou destruídos, essas escolas são transformadas em públicas sendo que muitas nunca mais abriram. Era uma infinidade de Decretos-lei que foram emitidos com o intuito de acabar com os quistos perigosos. Já em Santa Catarina o fechamento parcial envolveu interesses políticos relacionados a conflitos entre dois grupos antagônicos que detinham o poder na região.

O auge acontece em 1938 com o decreto de nacionalização sob a alegação de que todo alemão, italiano era nazista ou fascista. Sabe-se hoje, quer realmente existiam núcleos nazistas no Brasil não só no Sul como em várias partes dos pais. Porém, o

colono não estava preocupado com questões européias. Também em relatórios do serviço secreto alemão (*Abwehr*) era analisado que os colonos alemães tinham se tornado muito brasileiro.

Também hoje é questionado sobre quem realmente torpedeou nossos navios. Oficialmente teriam sido os alemães só que ai tem uma inverdade na medida em que havia acordos comerciais entre os alemães e o Brasil é também porque existia um intercambio de informações entre o serviço secreto alemão e os órgãos de segurança brasileiros. Como bom exemplo, podemos citar a extradição de Olga Benário para a Alemanha. Também existem no Itamaraty documentos sobre a questão judaica o que nos indica que Getúlio via com reservas os judeus. Creio que o que aconteceu se resume em um fato.

Um país em que a educação era somente para as elites e sob o pretexto de um suposto movimento de separação que escondia antagonismos como os que ainda vemos no Brasil.

]

Também é inegável a atuação do Ministério Capanema quando procura incentivar a criação de escolas. O grande problema é que apesar de ter trabalhado para isso irá encontrar inúmeras oposições a seu trabalho inclusive de setores da Igreja católica no qual Getulio foi obrigado a fazer acordos.

Foi uma época em que propriedades foram confiscadas, fábricas. Não só na região Sul como em vários pontos do Brasil. Só por curiosidade, um bom exemplo aconteceu na Paraíba (Região de Rio Tinto) com a fábrica de tecidos da família Lundgren cujo Patriarca fundou as Casas Pernambucanas.

Essa era a única fábrica na região de rio Tinto e dava emprego a centenas de pessoas, A cidade vivia da venda dos tecidos. A fábrica foi fechada em 1943 e suas máquinas destruídas pelos operários da fabrica. O resultado é que a cidade entrou em decadência. Hoje na região, só sobraram alguns prédios. A cidade era considerada a mais alemã do Nordeste.

Cemitérios destruídos, lajes com nomes apagados, professores presos, velhos presos, não era permitido que você fosse amigo dos alemães e italianos enfim, tudo foi feito para destruir um esforço de 180 anos. E para complicar, a tal meta de que todos só falassem o português não deu certo. Muito pelo contrário só ampliam o número de dialetos falados devido ao isolamento cultural e social.

Também fica uma questão a ser analisada: como seria se eles não tivessem construído escolas, seriam mais analfabetos no Brasil? Será que isso deixaria as elites bem felizes, pois, seriam menos pessoas para dominar em nome de uma pureza lingüística que nunca existiu no Brasil em função dos muitos imigrantes que aqui chegaram. Ou seria melhor que o Brasil tivesse ficado neutro como aconteceu com a Argentina ou Chile. Ou mesmo tivesse tomado partido do eixo. Enfim são questões que talvez algum dia a história ou a sociologia explique.

NOTAS:

[1] No Brasil existia, um ideário, um mito de nacionalidade este inspirado nos moldes do romantismo europeu. A idealização do “bom selvagem”, por exemplo. Juridicamente, esta estaria relacionada ao vínculo de direito público interno, o qual, ligaria a pessoa a um elemento componente da dimensão jurídica do Estado. Haveria duas formas de inferir a nacionalidade: o *jus-solis* que leva em conta o local de nascimento (C.F., art.12 I(a)) e o *jus-sanguinis* que considera, a ascendência do indivíduo não importando local de nascimento (C.F. art 12 , I (a, b)). (MIRANDA. P., COMENTÁRIOS A Constituição Federal de 1946 com a Ementa Complementar nº1-69. São Paulo, Revista dos Tribunais, 9º v, 1970, p.345).

[2] Era a nobreza agrária alemã chamada de Junker. Muitos Junker estiveram no Brasil. Um deles foi o naturalista Alexander von Humbolt. Um outro foi o von Bülow ainda no tempo da Restauração portuguesa e quem comanda as tropas portuguesas na retornada da Colônia de Sacramento dos espanhóis. Quando acaba a guerra recebe o título de Barão von Bülow.

[3] marca o início do fechamento das escolas étnicas em Santa Catarina anterior a 1938.

[4] São criados campos de concentração em várias partes do Brasil para isolar os perigosos, alemães, italianos e japoneses.

[5] Ao chegarem não encontram “nada” e cobram as promessas feitas antes do embarque.

[6] Havia neste local uma antiga fazenda que produzia uma fibra chamada de linho-canhâmo cientificamente chamada de cannabis sativa que era usada na confecção de velas e cordas para os navios da época.

[7] existiam escritores da chamada Escola de Recife que defendiam uma substituição da cultura francesa pelo cientificismo alemão. Desses, Tobias Barreto, Silvio Romero, Augusto dos anjos e muitos outros. Tinham contato com um ex-Brummer chamado Karl von Koseritz. Jornalista e escritor que defendia os direitos políticos dos imigrantes.

[8] Ordem fundada em 1190 na Palestina por cruzados alemães e instituída pelo Papa em 1199. Essa ordem constitui-se no principal grupo militar alemão. Em 1299 os cavaleiros começam uma cruzada para converter os eslavos nativos. A sua forma de combater os inimigos, rendeu-lhes o nome de guerreiros, tornaram-se cínicos e acreditavam que a eliminação total do inimigo era um meio de erradicar totalmente o mal. Seu treinamento era levado a extremos. Hoje ela existe como uma ordem hospitaleira e tem sua localização na Áustria. Seus símbolos são usados até hoje pelas forças armadas alemãs. O símbolo mais famoso é a cruz gamada. Esta chamada de Cruz de Ferro.

[9] Idade do Ferro Nórdica (800 a.C – 600 a.C) na região norte da Escandinávia.

[10] Grupo de línguas do grupo germânico, suas maiores diferenças ocorrem em relação ao indo-europeu por volta de 500 a.C. e é, portanto, considerada como anterior à língua germânica. Esta língua é um conjunto da família indo-européia. Disponível em <http://www.babylon.com> em 38/7/2007 às 19:50.

[11] Existem várias hipóteses para o surgimento das runas. Teriam suas origens nas letras latinas e gregas. Foram usadas pelos povos das ilhas britânicas. O termo *Run* se relaciona ao Norueguês significando sagrado, mistério. E também ao alemão antigo *Run* aquele que sussurra. Disponível em <http://www.thealubronbrasil.com.br> em 28/07/2007 às 20:40.

[12] O Corpo de Estrangeiros era constituído de dois batalhões de caçadores alemães, e dois Batalhões de Granadeiros e o 27º Batalhão de Caçadores alemães estes foram responsáveis pelos conflitos que ocorreram no Rio de Janeiro em 1824. Esta em virtude de um castigo a um soldado e o não pagamento dos soldos.

[13] Em 1827, o major Willian Cotter vai à Irlanda recrutar soldados. Vem com cerca de 2700 famílias, que ficam acomodadas em nove navios. Chegam ao Rio de Janeiro em janeiro de 1828 com grandes honrarias e são despachados para os locais de conflitos. Porém alguns recusam e são enviados para a Colônia de Santa Januária, onde iniciam uma colônia na Bahia que teve pouca duração, devido à falta de apoio do governo.

[14] O *Ratio Studiorum* ou *Ratio Ataque Institutio Studiorum* foi criado em 1599 por Inácio de Loyolla, e expressava uma visão do catolicismo, servindo de modelo para os processos educacionais da época. Criado com a necessidade de unificar o pensamento pedagógico das escolas católicas dos jesuítas para a formação das elites nobres e expansão missionária. Disponível em: http://www.pt.wikipedia.org/wiki/ratio_Studiorum em 09/08/2007 às 07:18.

[15] A Guerra dos 30 anos (1618 -1648) foi uma série de conflitos religiosos ocorridos na Alemanha entre católicos e protestantes e sobre assuntos constitucionais germânicos que foram transformados em uma luta européia. Ela envolveu um grande esforço da Suécia, e da França para diminuir a força da Dinastia dos *Habusburg* que governam a Áustria.

A Guerra causou sérios problemas econômicos e demográficos na Europa Central. O conflito termina em 24 de outubro de 1648 com a Paz de *Westfhaen*. Disponível em: [http:// pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_dos_30 anos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_dos_30_anos) em 09/07/2007 às 07:30

[16] *Kindergarten* (Jardins de infância) criados pelo pedagogo alemão Herbart

[17] **Tradução:** Amanhã, vou ficar com o professor de Lomba Grande par deixar pronto para impressão um livrinho de matemática. Nós mandamos imprimir uma cartilha. Nesse ano publicaremos um manual para aprender a língua portuguesa. No próximo ano

vai ser um livro de cálculos e também se Deus quiser. Isto dar muito trabalho para escrever. Meu braço esta doendo.

[18] **Tradução:** Cada um se apresenta como foi feito pela natureza e pela educação e consenso que os alemães ganharam atenção geral e grande fama através de suas atitudes e do seu trabalho, nas fábricas, no comércio, na escola, na Igreja, nas repartições públicas, no âmbito privado e nas sociedades.

[19] **Tradução:** Não e outra senão o seu patrimônio cultural, que dizem por que eles falam alemão. Pensam em alemão, vivem como alemães tem seus costumes e hábitos alemães. Enquanto eles desempenharem seu patrimônio cultural eles desempenharão algo excelente, apesar do número reduzido entre eles. Mas se abrirem mão, então lhes vai acontecer o mesmo que aconteceu com as diferentes tribos germânicas [...] porque estas se adaptaram as visões e o modo de vida dos romanos.

[20] **Tradução:** O amor pela cultura alemã e feita pela conservação da língua alemã pois, se perdemos esta de vista então iremos cair no mecanismo popular e não teremos mais nenhum valor cultural a não ser como adubo cultural e não mais como colaboradores do progresso mundial.

[21] Aconteceu numa festividade no Instituto de Educação no Rio de Janeiro. Este local formava professoras para o primário. De forma simbólica foram queimadas todas as Bandeiras dos Estados e substituídas pela Bandeira Nacional.

[22] Código Napoleão chamado de forma incorreta por Código Napoleônico. Este originalmente chamado de Code Civil des Français, outorgado por Napoleão I que entrou em vigor em 21 de março de 1804. Todavia não foi o primeiro. Este aborda questões de Direito civil. O objetivo do Código era estar de acordo com os princípios da Revolução Francesa.

[23] Campanha de Nacionalização. . Ofício reservado nº4, 24 de janeiro de 1934. Arquivo Gustavo Capanema GC 34.1 1.30 pasta 11-1, série g.

[24] idem, ibidem, p.11

[25] REINHARD. Maack. Os alemães no Sul do Brasil: o ponto de vista alemão: Arquivo Lourenço Filho, julho, 1939, FGV/CPDOC, pp. 7 e 8.

[26] Exposição do secretário de educação e Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul. J.P.Coelho de Souza, referindo-se ao grupo alemão a Comissão Nacional de Ensino primário em 1939, afirmava ser uma injustiça negar o amor da gente de origem germânica à terra brasileira.

BIBLIOGRAFIA

A escola teuto-brasileira e a assimilação dos imigrantes alemães e seus descendentes: estudos e documentos, São Paulo, USP, 6.163-184, 1967.

A escola teuto-brasileira no Vale dos Sinos em Santa Catarina. Euclides de Fátima Blechuvel Cruz. Disponível em: <http://www.pg.rdr.unc.br/RevistaVirtual/numero5/artigo.htm> em: 13/07/2007 às 22:53

Alemães: uma etnia para a integração: os 150 anos da imigração em Santa Cruz do Sul. Edit. Gazeta Grupo de Comunicação, Santa Cruz do Sul, RGS, junho de 2000.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Política lingüística, mitos e concepções em áreas bilíngües de imigrantes alemães. Disponível em http://www.iberoamericana.net/filesejemplo_por.pdf em 25/4/007 às 15:00

A contribuição teuta a formação da nação brasileira. De um artigo de Dieter Böhnke. Publicado no Seminário Brasil-Portugal de São Paulo, em 20-07-2001. Tradutor: K.A. Fucks. Belo Horizonte.

Associação da Memória dos imigrantes alemães em Santa Catarina. Disponível em [http:// www.amiaebr.net/index.htm](http://www.amiaebr.net/index.htm) em 12/05/2000 às 18:05.

AMARAL, Resenha histórica da Bahia. Bahia 1947, p.70.

BENTO, Cláudio Moreira. Estrangeiros e Descendentes na história militar do Rio Grande do Sul. De 1635 a 1870, edit. Nação, RGS, 1998.

BERTONHA, João Fábio. Brasil: imigrações internacionais e política no Brasil nos anos 30 e 40. Disponível em: [hppt://www.comciencia.br/reportagens/migra6.htm](http://www.comciencia.br/reportagens/migra6.htm) em 21/05/07 às 20:15

BERGTON, Manuel Lourenço Filho. Conferencia no Estado Maior do Exercito, 27 de abril de 1939. “Educação e Segurança Nacional” na Revista Defesa nacional em novembro de 1939, p.67.

BORIS Fausto e a Revolução de 30. Comentários de Carlos Ignácio Pinto. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra4/revoluçãode30.doc> em : 26/10/2007 às 20:10

Cadernos CEPES; O método indutivo e a percepção escolar como legado de Pestalozzi para a geografia escolar. Aparecida Ravotta da UNC /CEDES vol.25 nº 66, Campinas mai/agost. 2005. Disponível em: [http:// www.sieclo.br](http://www.sieclo.br) em 20/04/2006 às 21:00.

Cadernos de História nº 4 (org. Brasil Baudecchi). 1º origem do latifúndio no Brasil, 2º problemas na região Sul, Baudecchi Pedro, brasil. Edit.Obelisco Ltda. São Paulo, 1967.

CAMPOS, Francisco. O Estado Nacional: sua estrutura, seu conteúdo, ideologias . edit. José Olimpio, rio de Janeiro, 1940.

CARVALHO, Alfredo de. Questões étnicas na Primeira Republica. RIHGH, 1960 nº405 p.968 dez.,. 1999.

COSTA Wilma Peres. As condições de vida e do trabalhador urbano no Brasil e as expectativas sobre a imigração européia – um panorama a partir dos relatórios Consulares Ingleses em 1870. Revista Theomai Journal número três (primeiro semestre de 2001).

DEFREYN Vanderlei. Sobre a tradição escolar luterana. Disponível em: http://www.est.com.br/repp/numeros_o4/tradição.htm.17k em: 14/04/2007 às 8:40.

DIEGUES, Junior, Manuel: Imigração industrialização, urbanização. Centro brasileiro de Pesquisas Educacionais, Guanabara, 1964.

FREIRE, Gilberto. Nós e a Europa Germânica em torno de alguns aspectos das relações no Brasil como cultura germânica no decorrer do século XIX. Rio de Janeiro, edit. Grafo, 1971, 173p.

FONSECA. Thiago da. O problema da Instrução pública e o perigo alemão. Florianópolis. Imprensa Nacional, 1916. 86p.

Guerra contra Oribes e Rosa. Disponível em: http://www.de.wikipedia.org/wiki/Geschuchte_Uruguays em 23/05/2007 às 18:00

Guerra da Cisplatina: Disponível em: <http://www.resent.com.br/ahimtb/guarara36.htm> em 24/04/2007 às 20:00

GERTZ E. René. Os luteranos no Brasil. O texto reproduz as idéias apresentadas sob o título “ A cultura brasileira e a imigração dos luteranos (1889 – 1964). No congresso Internacional Luterano entre as culturas 1º e 3 de novembro de 2001 na Universidade de Erfut (RFA).

GUIMARÃES, Orestes. Nacionalização do ensino primário. Blumenau, Edt. Carl Wahle, 1929.

HOLF, Sandino. Fundamentos filosóficos dos livros didáticos elaborado por Ratke no século XVII. RBE , jan/fev/mar/abril, 2004 nº 25.

INEP; Organização do ensino primário e normal no Estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro, INEP 1v. 1950.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil; instâncias de coordenação e estrutura de apoio. UNISINOS, programa de pós-graduação em Educação, R.G.S. , 1998.

_____, O professor paroquial: magistério e imigração alemã. Porto alegre. Edit. UFRS, 1991.

KLUG, João. Imigração e luteranismo em Santa Catarina: A Comunidade alemã de Desterro. Florianópolis, edit. Papa Livro, 1994.

-----, João **AICANDI**, Abade. Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis (1886 – 1938). UFSC/CCH, 1991.

MAGALHÃES, Jacy Montenegro. A metodologia do Planejamento induzido. S.B.E.G. Rio de Janeiro, 1974.

MESQUIDA Peri. Educação protestante de origem norte-americana na comunidade alemã de Curitiba no final do século XIX. Eleen White, a língua alemã e a escola internacional. Revista de pós-graduação em educação da UNICAMP, ano 12 nº 1 , junho de 2006.

MONORE, Paul. História da Educação. Do original em inglês: A brief course in the history of education. Tradução de Idel Becker. Companhia Editora Nacional, 9ª edição, São Paulo, 1970.

PAIVA, César. Escolas de língua alemã, no RGS o nazismo e a política de nacionalização. Revista: Educação e Sociedade, abril de 1987.

PINTO Vieira Álvaro. Consciência Nacional e Realidade Nacional. 1º volume. Textos Brasileiros de Filosofia. Rio de Janeiro. Ministério de Educação e Cultura, 1960.

Qual foi a causa do êxito da colonização alemã em várias regiões do Brasil? In: II Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros, Recife. UFPe, 1974

RATKE. In. **HOFMANN**. F. Das Schulbuchwerk Wolfgang Ratkes zur Allunterweisung Tatingen. Aloys em Verlag, 1974.

SEFRETY, Giralda. Concessão de terras, dívida Colonial e mobilidade . Estudos Sociedade e agricultura, 7 dezembro de 1996, p.29-58.

_____, Imigração no Brasil: os preceitos de exclusão. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/migrações/migro3.htm> em 21/05/07 às 22:00

_____, Identidade étnica. Assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado brasileiro. XVII Encontro anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22 -25 de outubro de 1993.

_____, Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. Rio de Janeiro, FGV, 1999 p.199-228.

-----, **BRASIL: imigrações internacionais e identidade. Os alemães no Brasil**. Disponível em: comciencia.br/reportagens/imigrações/migr.18.htm em 21/05/2007 às 20:45.

SCHARTZMANN S. BOMENY H. COSTA V. . Tempos de Capanema, 2ª edição FVC e editora Paz e Terra , 2000.

SUFREDINI, Lourdes C.S.. Aspectos do bilingüismo alemão/português numa comunidade rural do Oeste catarinense. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. UFSC, 1998.

WEBER Max. The protestant ethic and the spirit of capitalism. Disponível em:
http://www.en.wikipedia.org/wiki/max_Weber em 26/10/2007 às 01:05

WILLENS. E.A.. Aculturação dos alemães no Brasil, estudo antropológico dos imigrantes e seus descendentes no Brasil: 2 ed e ilust. São Paulo: Nacional IHL, 1980.

FONTES:

Livros do arquivo Municipal de Indaial Distrito de Blumenau em Santa Catarina.
 Título: Capa do livro: Leitura Escolar Alemã com discussão dialogada compilada por P.A.S. , Porto Alegre editor: João Mayer Junior. Rua Marechal Floriano, nº43. Ano 1915. obra classificação cópia OR 0170.

Título: Deutsche Sprachschule: Leitura escolar alemã . autor: R. Heuer. Ano 1930. edti. Verlag Rotermond . São Leopoldo Rio Grande do Sul, contém 78 páginas. Descrição lingüística – treinamento na língua alemã. Código:0171

Livro: Cours d'Allemand , por A. Chiquard usado em São Leopoldo 1920. sobre o método indutivo e direto. Prefácio em francês, texto em alemão Gótico e times roman. Edti. Paris Garnier Frères, 1911.

Carta do engenheiro Hans Henrich ao engenheiro W.Helland. 27 de junho de 1939, GC 34.II 30 A pasta II série g FGV – CPDOC.

Livros do **Arquivo Histórico de Indaial** Distrito de Blumenau em Santa Catarina.
 Título: Capa do livro: Leitura Escolar Alemã com discussão dialogada compilada por P.A.S. , Porto Alegre editor: João Mayer Junior. Rua Marechal Floriano, nº43. Ano 1915. obra classificação cópia OR 0170.

Título: Deutsche Sprachscule: Leitura escolar alemã . autor: R. Heuer. Ano 1930. edi. Verlag Rotermund . São Leopoldo Rio Grande do Sul, contém 78 páginas. Descrição lingüística – treinamento na língua alemã. Código:0171

Livro: **Cours d'Allemand**, por A. Chiquard usado em São Leopoldo 1920. sobre o método indutivo e direto. Prefácio em francês, texto em alemão Gótico e times romano. Edti. Paris Garnier Frères, 1911.

Carta do engenheiro Hans Henrich ao engenheiro W.Helland. 27 de junho de 1939, GC 34.II 30 A pasta II série g FGV – CPDOC.

Fotos de: 4.1.4.11 e 4.1.4.21 a 4.1.4.27 retiradas da Revista Gazeta: Uma Etnia para a imigração. Santa Cruz do Sul Edição especial Junho de 2000.

Fotos de: 4.1.4.15 e 4.1.4.18 retiradas do livro História da Educação de Idel Beckel. Companhia editora Nacional.

Fotos retiradas de: 4.1.4.3; 4.1.4.4; 4.1.4.7; 4.1.4.9

<http://www.colband.com.br/ativ/nete/cida/linh/temp/bras/bras02/4bim/2h1/teto4.htm>

Em : 27/05/2007 às 10:35

Foto: 4.4..1.19: Arquivo Nacional

Foto: 4.1.4.12: <http://www.Histórico da Sociedade dos Atiradores Warnow.htm>

Foto: 4.1.4.8: Portal da Prefeitura de São leopoldo.

Foto: 4.1.4.20: Portal da Prefeitura de Blumenau

Foto: 4.1.4.1: Nos tempos de Capanema: CPDOC/ FVG

Foto: 4.1.4.2; 4.1.4.2: Arquivo CPDOC /FGV

TRABALHO

Registrado na

Fundação da Biblioteca Nacional

De acordo com a Lei 9610 de 19/02/1998

JUN 2008/007507/V07